



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
HUMANAS
PROGRAMA DE BACHARELADO EM SOCIOLOGIA**

ANDRÉ VINICIUS LEAL SOBRAL

**AMIZADE E TELEMÁTICA:
Relações de amizade intermediadas pelas redes sociais**

**SALVADOR
2012**

ANDRÉ VINICIUS LEAL SOBRAL

AMIZADE E TELEMÁTICA:
Relações de amizade intermediadas pelas redes sociais

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao Programa de Bacharelado em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Sociologia.

ORIENTADOR: PROF. SÉRGIO ELÍSIO ARAÚJO PEIXOTO

SALVADOR
2012

A Martha Lúcia, minha mãe, pelo amor e devoção à minha vida, em especial por todos os seus esforços que me possibilitaram uma educação de qualidade. A José Sobral, meu pai, pelo apoio durante minha formação. A Victor Ariel, meu irmão, pelas horas de conversas e idéias. E a Sâmara Teixeira, minha companheira, que me apoiou nesse caminho compartilhado de escritas e pensamentos.

A G R A D E C I M E N T O S

A todas as pessoas que contribuíram com minha jornada na graduação, incentivando minhas ideias, acolhendo minhas intervenções, esclarecendo minhas dúvidas, enfim, construindo coletivamente o conhecimento acadêmico.

Ao Prof. Sérgio Elísio Araújo Peixoto, meu orientador, por sua paciência, talento e seriedade na formação de novos sociólogos. Sua dedicação apaixonada ao seu ofício me reaproximou das temáticas que me são caras no meu campo de estudo.

A Profa. Elena Calvo Gonzales, que acompanhou o desenvolvimento deste estudo, incentivando, questionando, discutindo e apoiando seu desenvolvimento. Sua capacidade de me inquietar e motivar extraiu o meu melhor neste trabalho.

A Profa. Maria Gabriela Hita, que auxiliou a escolha do meu tema, apontando os pontos necessários a serem tratados, fornecendo informações pertinentes ao meu objeto de estudo através de suas aulas.

A Profa. Maria Rosário Gonçalves de Carvalho, que sempre demonstrou exemplar postura como profissional, inspirando e fornecendo novas referências para minhas investigações.

A Alexandre Raymond, amigo de todas as horas e situações, seu apoio permitiu um melhor desenvolvimento desta monografia. Sua presença em minha vida mesmo a milhares de quilômetros de distância reafirma minha certeza da existência de amizades verdadeiras a cada dia.

Resumo

No presente trabalho, buscou-se a partir de uma análise do contexto atual das relações sociais, observar o impacto das redes sociais como ferramentas tecnológicas comunicacionais no desenvolvimento das relações de amizade. Perante a relevância das relações socialmente agregadoras na organização social e suas diferentes expressões no tempo, selecionou-se a amizade como categoria focal das interações no espaço virtual da rede. A capacidade das tecnologias comunicacionais de modificarem as formas de sociabilidade nas sociedades humanas e a aparente intensificação dos distanciamentos entre os habitantes do planeta, envolvidos em um processo de contínua individualização, apontam para a necessidade de investigar-se mais profundamente as transformações nas relações interpessoais e grupais no contexto da sociedade contemporânea. Entre as ferramentas comunicacionais mais destacadas na atualidade está a Internet e em seu âmbito se revestem de significado especial as redes sociais, que promovem o intercâmbio entre milhões de usuários no planeta. Assim, para a realização de um estudo de caso sobre relações de amizade atualmente desenvolvidas no espaço virtual, promoveu-se uma seleção de sete usuários da rede social Facebook, todos eles estudantes do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Utilizando-se entrevistas semi-estruturadas, investigou-se como são processualmente concebidas e construídas as relações de amizade em um contexto de maior participação interpessoal e grupal na Internet, enquanto um dos lócus das comunicações na sociedade. Entre os aspectos investigados através das entrevistas estão as motivações para a utilização da rede, os recursos mais utilizados por seus usuários, as consequências positivas e negativas das interações ocorridas neste espaço e a relevância da presença ou não das pessoas na rede para a formação e conservação de amizades. As noções adotadas para definição do que é amizade entre os estudantes entrevistados estão intimamente ligadas à sua identidade, valores e comportamentos. Analisando-se as conceituações de amizade assim desenvolvidas, identificou-se uma definição desse tipo de relacionamento, baseada nos princípios de confiança, compartilhamento, intimidade e espontaneidade, construída pelos estudantes universitários através de suas interações na rede Facebook. É interessante observar que nenhum destes critérios incluiu a presença física, embora o tempo de convivência e a possibilidade de contar com o apoio de pessoas mais próximas em períodos de dificuldade, também fossem considerados fatores importantes na construção das relações de amizade. Observou-se, ainda, que o acesso às redes é diário e recorrente, sendo parte da rotina dos estudantes, configurando-se como uma atividade complementar às comunicações estabelecidas no plano das experiências físicas. Tais usuários imprimem em sua utilização seus próprios conceitos e assim orientam a experiência de estar na rede de forma única. Por fim, evidenciou-se que, no caso estudado, existe uma apropriação das ferramentas comunicacionais por seus usuários que supera as dicotomias que separam os universos efetivados dentro e fora dos computadores. A pretensa virtualidade das amizades parece ser contingencial, possuindo a potencialidade de materializar-se através de um encontro, que, mesmo não previsto, é considerado uma possibilidade real. Isto aponta para uma gradual modificação nas concepções de amizade, que se torna mais flexível em seus significados.

Abstract

In the present work, we have sought to observe the impact of social networks through the analysis of the present context of social relations and to observe how the new technological communication devices affect the development of friendship relationships. The relevance of socially aggregative relations in the social order in the different contexts over time led us to select friendship as a focal category to understand interaction in virtual spaces of the social networks. The capacity of communications technology to modify the sociability norms in society and the apparent intensification in the processes of detachment of citizens, involved in a process of continuous individualization have showed that is necessary further and deeper investigation of the process of transformation in social interactions in contemporary society. The internet features as a communication tool imbued with special significance when social networks are considered, as they promote exchange between thousands of users over the planet. To accomplish this study about friendship relations in social networks, we have selected seven user of the social network Facebook, all of them students from the Social Sciences course of the College of Philosophy and Human Sciences of the Federal University of Bahia. Through the application of semi structured interviews, we have researched how the friendship relations are conceived and constructed in a context of increased interactions of individuals and groups in the Internet as a space of communication in society. We investigated the motivations to adhere to the network, the users most used resources, the positive and negative consequences of the interactions that take place in this space and the relevance of the network as a way to create and maintain friendship relations. The concepts adopted by the interviewed students to define what friendship is are connected to their identity, values and behavior. Through the analysis of these concepts developed by the students in their interaction with the social network Facebook, we identified the definition of friendship relations as based on the principles of trust, sharing, intimacy and spontaneity. It is interesting to observe that none of these criteria includes the physical presence, although the time of coexistence and the certainty of support by the closest friends in times of trouble are considered relevant characteristics of a friendship relationship. We have noted that there is a daily use of the social networks, occurring several moments during the routine of the students as an activity that is complementary to the communication developed physically. The investigated students input in their use of the network their own concepts, orienting the experience of the social network in a unique way. In this investigation there is an appropriation of the communicational tool by its users that overcomes the dichotomy of real and virtual realities. The supposed virtuality of the friendship relationships seems to be contingent, been able to materialize through an meeting that even if its not expected it is considered as an real possibility. This shows and modification of the friendship concepts that gradually becomes more flexible in its meanings.

SUMÁRIO

1	Introdução	08
2	Metodologia	12
3	A intermediação das relações de amizade pelas redes sociais	15
	3.1. O contexto das relações sociais nas sociedades contemporâneas	15
	3.2. A amizade como relação social	21
	3.3. A internet enquanto instrumento de comunicação	25
	3.4. As redes sociais como meios de conservação e formação de relações de amizade.	29
4	As relações de amizade no Facebook	36
	4.1. Utilização, quando e por quê?	36
	4.2. Outros atrativos no uso da Rede.	38
	4.3. Além dos contatos, os Amigos no Facebook.	42
	4.4. Interações, relacionando-se na Rede.	47
	4.5. Conflitos no Facebook.	51
	4.6. Afinal, o que é a Amizade?	57
	4.7. Conservação das Amizades.	61
	4.8. Amizade sem a Rede.	62
5	Considerações finais	65
6	Notas	68
7	Referência	73
6	Apêndice	76

1. Introdução.

A sociedade global se encontra em um momento fundamental de transformações, apresentando os resultados de uma revolução comunicacional fundada no aperfeiçoamento tecnológico de ferramentas capazes de trocas instantâneas de mensagens. Os meios de organização e interação de uma sociedade são diretamente relacionados com sua realidade material, sendo seus costumes, cultura e percepções da realidade formuladas a partir de experiências de vida influenciadas por ferramentas e ambientes construídos (GIDDENS, 1991). Isto determina que padrões de comunicação produzidos e difundidos mundialmente sejam assimilados, adaptados e reelaborados de acordo com as perspectivas socialmente construídas em condições e situações locais, regionais e nacionais. A incorporação na vida social de novas tecnologias capazes de abrir distintas possibilidades de interação entre indivíduos e grupos é um dos grandes fatores responsáveis por modificações nos padrões existentes de sociabilidade.

As épocas de transição entre diferentes costumes são frequentemente marcadas por um sentimento de ameaça e desconfiança em relação às mudanças e seus sujeitos, que representam para os contemporâneos o dismantelamento de seus meios de vida ou uma deturpação dos costumes arraigados. O temor de um excessivo distanciamento do indivíduo, enquanto ser humano, de sua natureza física e animal é uma temática sempre presente no imaginário filosófico do processo civilizatório, tendo o computador e a internet recebido o mais recente status de mudança ameaçadora. O avanço tecnológico que possibilita este processo é colocado sob suspeita, como “uma ameaça à socialidade e à formação da consciência democrática” já que haveria um “poder tóxico” no processo de digitalização da realidade que “envolve[ria] o sujeito em um mundo paralelo, autorreferente e idiossincrático” (JUNGBLUT apud LUZ, 2004, p. 98).

Ferramentas comunicacionais inovadoras como o telefone já passaram pelo escrutínio dos críticos, sendo acusadas de provocar as mais diversas formas de mal. Hoje ocupa papel de relevância inquestionável e amplamente consolidada, fazendo parte da realidade cotidiana de grande parte dos habitantes do planeta. O surgimento da televisão decerto contribuiu para mudanças comportamentais e culturais inéditas, a exemplo do enfraquecimento das práticas de relacionamentos observadas em grupos de vizinhanças, como as de conversação, visitas, encontros em espaços integrativos

(praças, igrejas), bem como a da maior permanência das pessoas em suas residências e a individualização da audiência dos programas exibidos. Embora isto possa parecer um novo padrão “integrativo”, uma imersão em uma “aldeia global” (MCLUHAN, 1969), pode ser compreendido, também, como uma forma de “incomunicação” entre membros da família e amigos que passaram a destinar uma expressiva parcela do seu tempo de lazer aos programas apresentados (DÍAZ BODORNAVE, 1982). Isto evidenciaria uma crescente impessoalidade nas relações sociais, na medida em que estas passariam a ser mediadas por meios tecnológicos que ampliariam e tornariam mais eficientes as possibilidades de sua ocorrência. Ao mesmo tempo, tais meios persistem e promovem um intercâmbio de conhecimento entre variadas culturas, costumes e valores de diferentes povos, quebrando os quadros de referência tradicionais e locais que orientavam o desenvolvimento das relações interpessoais e grupais. Contudo, pode-se acrescentar que tais modificações tendem a ser configuradas em padrões relativamente universais, mediante as quais são modificados os mecanismos de controle social que respondem pelos interesses dos grupos dominantes. Desse modo, mesmo em meio a mutações sociais muito acentuadas, verifica-se uma tensão contínua entre a necessidade de promover mudanças e de manter e reciclar os diversos modos de dominação social.

As inovações mais recentes no campo da comunicação, resultantes do aperfeiçoamento dos sistemas de telefonia e transmissão de dados, estão no âmbito da informática, sendo principalmente baseados na interconexão de computadores pessoais e centrais de processamento de informações em grandes redes de trocas informacionais, formando o que conhecemos como Internet. Esta ampla rede de comunicação tem ocupado papel de crescente importância na realidade social, possuindo influência sobre a produtividade dos indivíduos, sua acessibilidade a serviços e informações.

Evidencia-se, assim, o desenvolvimento de um processo de ampla liberalização em inúmeras áreas do convívio social, iniciada no âmbito da economia e expandida até os mais diversos campos como o da sexualidade. Valores de grande alcance e força como a liberdade são fundados na expressão dos indivíduos de forma o mais próxima da irrestrita, sendo o meio pelo qual esta comunicação com o mundo se realiza, fator fundamental de seu sucesso. A internet tem se caracterizado como espaço ímpar da expressão individual contemporânea, sendo entusiasticamente abraçada pelas novas gerações que a transformam em seu palco e moradia. A rápida e crescente influência

desta nova tecnologia na sociedade demonstra ter atraído atenções, tornando-se o centro de inúmeras discussões e motivo de preocupação a cerca de sua influência sobre a capacidade de sociabilidade dos indivíduos, sendo retratada muitas vezes como vilã.

Observando-se a relevância do computador e da comunicação através da internet na sociedade atual, e sua provável projeção futura, torna-se importante reconhecer o estágio embrionário da cobertura teórica, trabalhos e investigações ligados a esta temática, destacando a necessidade de um maior número de estudos sobre a utilização dessa tecnologia no âmbito das relações sociais. Desse modo, o interesse fundamental desta investigação é buscar as percepções tecidas pelos usuários das redes eletrônicas, trazendo para o campo acadêmico uma visão diversificada e crítica sobre a recepção de novas tecnologias e os impactos, de seu uso nas relações sociais. Entende-se que a sociologia deve buscar meios de sondar os efeitos de tais ferramentas e procurar entender as transformações ocorridas após a sua adoção, podendo superar as concepções geradas pelo choque de valores, além de produzir análises que possam indicar as reais implicações do avanço tecnológico. Perante a expressiva relevância das redes sociais no cenário vigente, é necessário um maior número de pesquisas de campo que possam avaliar o impacto dos meios de comunicação atuais sobre as relações interpessoais e grupais criadas ou mantidas através da internet.

Observando-se o amplo aspecto das formas pelas quais os seres humanos interagem em sua existência, é notável que as relações de amizade detenham certa relevância e destaque no âmbito dos vínculos humanos, sendo superada em importância apenas em alguns casos por relações amorosas ou familiares (SOUZA & HURTZ 2008). Nota-se em diferentes momentos da história do desenvolvimento social da humanidade diversas leituras do significado das relações de amizade, a exemplo daquelas efetuadas na antiguidade por Aristóteles (2001), e mais recentemente, por Giddens (1991) e Rezende (2001, 2002). Mesmo em contextos tão diferenciados, é atribuída a estas relações uma importância central para o desenvolvimento da cultura e da sociedade. No entanto, atualmente amizade é raramente abordada nos estudos sociológicos, embora se configure como uma rica área de conhecimentos a ser explorada em estudos futuros. Perante sua transposição para a virtualidade da internet, a relação de amizade assume novos significados, tendo sua relevância e definição modificadas, desde que ampliadas e revestidas de um novo poder simbólico.

O objetivo desta pesquisa é, portanto, entender as concepções de amizade entre os estudantes do curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) mantidas e desenvolvidas mediante o uso de mídias eletrônicas, em especial por meio da internet. Procura-se entender como as relações de amizade se dão por intermédio de meios eletrônicos, investigando-se como os mecanismos de uma Rede Social condicionam sua ocorrência. Entre as redes existentes atualmente, o “Facebook” é a de maior popularização, contando com elevado número de usuários, destacando-se por suas ferramentas de intermediação das relações interpessoais. Por isso foi selecionada para o presente estudo, sem detrimento das suas concorrentes. Buscou-se compreender a relevância da amizade nas relações sociais em um contexto de urbanização intensa e de acentuada expansão das telecomunicações¹, analisando-se os valores atribuídos pelos usuários ao papel que as redes sociais exercem em sua intermediação nas comunicações e relações de amizade. O grupo escolhido para o estudo foi composto por estudantes do curso de Ciências Sociais da FFCH da UFBA, que possuíam estatisticamente fatores como alta escolaridade e faixa de renda compatível com o acesso frequente aos meios tecnológicos necessários à realização de processos de comunicação por meios eletrônicos.

2. Metodologia

A escolha das relações de amizade mediadas pela rede social Facebook como objeto de estudo para o presente trabalho se deu a partir do questionamento da produção de sociólogos da modernidade, acerca da qualidade da existência humana e de seus vínculos. Entre o amplo escopo das relações humanas analisáveis, a amizade figurou como aspecto de grande relevância entre os possíveis sinalizadores da qualidade das interações em contexto contemporâneo, sendo um conceito frequentemente utilizado no ambiente da internet. A necessidade de contextualização das relações humanas em um cenário de modificação da sociabilidade na modernidade levou à necessidade da escolha de um exemplo emblemático das novas formas de sociabilização, que englobasse a noção de virtualidade dos relacionamentos. A Rede Social de maior expressividade atualmente é o Facebook, figurando como uma situação clara para reflexão sobre as articulações que se produzem entre as relações humanas associativas e as novas tecnologias.

Uma vez definido o objeto do estudo, procedeu-se a escolha do estudo de caso como o método mais adequado para sua abordagem. O objeto de estudo é pouco documentado na área acadêmica escolhida, figurando como um fenômeno em curso e de alto teor subjetivo, onde os atores constroem grande parte do material a ser estudado. Devido às características peculiares do objeto foi necessária a escolha de um método capaz de enfrentar a pequena capacidade de controle do pesquisador sobre o fenômeno, embora permitisse uma aproximação do fenômeno durante sua ocorrência. Segundo Yin (2001):

“Como esforço de pesquisa, o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos. [...] a clara necessidade pelos estudos de caso surge do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos. Em resumo, o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real. [...] O estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se podem manipular comportamentos relevantes. O estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas.” (YIN, 2001, p.19-27).

Devido às peculiaridades do tema investigado, o universo do estudo limitou-se a um pequeno grupo de estudantes do curso de Ciências Sociais da FFCH da UFBA,

selecionados com base em sua condição de renda compatível com o acesso de forma regular à ferramenta a ser estudada, de preferência diário. Outro critério utilizado foi o da existência de um nível de escolaridade suficiente para compreender e utilizar a ferramenta, incluindo a consciência de seu uso de forma intencional. Todos estes fatores estão presentes no ambiente de formação superior frequentado pelo grupo de estudantes selecionado para a composição do universo de realização da pesquisa.

Os meios pelos quais se tornou possível a elaboração do estudo de caso foram definidos pela possibilidade de observação dos indivíduos em suas interações e a disponibilidade para realização de entrevistas qualificadas. Durante o primeiro momento de sua realização foram analisadas as atividades realizadas por meio da rede, delineando-se os padrões de interação entre os usuários e identificando-se os propósitos que os levaram a utilizar a ferramenta. O acompanhamento das atividades destes usuários foi efetuado através de sua marcação como favorito, através da própria ferramenta Facebook, de modo a receber notificações de suas atualizações diariamente, além do emprego da função “screen shot”, disponível em qualquer computador, para a captura de fotos do momento significativo da interação apresentado na tela para análise. O processo de levantamento de dados foi complementado pela realização de entrevistas semi-estruturadas, registradas com o auxílio de um gravador. Mediante tais entrevistas buscou-se a expressão orientada e relativamente livre dos sujeitos a respeito de determinados temas e elaborações abertas sobre o conceito de amizade.

Tendo em vista a presença marcante da internet e das redes sociais no contexto atual universitário e as diversas abordagens do conceito amizade, a investigação central deste estudo se concentrou no questionamento “o que seria uma relação de amizade para o estudante universitário da FFCH utilizador da rede social Facebook”? Tal questionamento foi aprofundado através do desenvolvimento de outras indagações que permitiram esclarecer como se dão as percepções dos sujeitos estudados, como “Que características possuem essas relações intermediadas por meio telemático?”, “Que papel a rede social exerce nesta intermediação?” ou “Quais são os juízos de valor tecidos pelos usuários acerca da rede social?”. Tais questões orientaram a elaboração do roteiro das entrevistas, apresentados no Apêndice.

Desse modo, a investigação conduzida para a elaboração desta monografia utilizou-se da observação e de entrevistas para a coleta dados significativos da experiência individual, valendo-se da livre expressão em encontros para registro das percepções construídas acerca das vivências online. A escolha do estudo de caso como método de investigação possibilitou uma leitura em profundidade da temática selecionada, devido ao seu caráter de abordagem qualitativa, além da possibilidade de apresentar relevância comparativa com outras análises feitas sobre a sociabilidade e amizade através da internet.

A pesquisa foi realizada no ambiente onde se dá a interação entre os sujeitos do estudo, ou seja, simultaneamente em ambiente eletrônico e físico, no campus da FFCH e nas páginas da internet onde está hospedada a rede “Facebook”. Tendo em vista os propósitos que orientaram o presente estudo também foram analisados o funcionamento, pressupostos e mecanismos da rede. Como a temática abordada se centra nas percepções e influências de uma tecnologia em um ambiente humano, considerou-se necessária a expressão do participante com suas próprias palavras para obter-se uma compreensão dos seus efeitos nas relações de amizade. Finalmente, articulando-se e comparando as observações levantadas a partir da literatura utilizada como referência com os relatos e dados coletados na pesquisa empírica, construiu-se uma síntese da relação atual entre o impacto do uso do “Facebook” sobre os laços de amizade no ambiente considerado.

3. A intermediação das relações de amizade pelas redes sociais

3.1. O contexto das relações sociais nas sociedades contemporâneas.

Os seres humanos apresentam em suas organizações sociais o constante esforço de aperfeiçoamento técnico dos meios de controle sobre os ambientes e a natureza, desenvolvendo ferramentas e conhecimentos que aumentam suas chances de sobrevivência frente aos desafios impostos pelo meio. O acúmulo social de informações, transferido entre as gerações no processo histórico através da fala e da escrita, permitiu um constante progresso da tecnologia, agregando novas áreas de atuação disponíveis para os homens e aperfeiçoando seu domínio sobre o planeta. O avanço do poder dos homens possibilitou a ocupação intensiva dos espaços disponíveis da Terra, expandindo consideravelmente os locais habitáveis e propícios ao desenvolvimento das diversas civilizações. O termo “Globalização” é utilizado para representar um fenômeno de gradual integração das economias e populações do globo, que deixaram de se encontrar isoladas geograficamente para existir como um sistema unido, “[...] acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice versa” (GIDDENS, 1991). A transformação das forças produtivas no decorrer do avanço tecnológico humano levou a adoção de variados sistemas econômicos, sendo o capitalismo o mais recente e maior responsável pela expansão da exploração e ocupação do planeta devido a sua constante busca por novos mercados.

“O capitalismo não pode sobreviver sem seus “ajustes espaciais” [...] O capitalismo tem recorrido repetidas vezes à reorganização geográfica (tanto em termos de expansão como de intensificação) como solução parcial para suas crises e seus impasses. Assim, ele constrói e reconstrói uma geografia à sua própria imagem e semelhança. Constrói uma paisagem geográfica distintiva, um espaço produzido de transporte e comunicações, de infraestruturas e de organizações territoriais que facilita a acumulação do capital numa dada fase de sua história, apenas para ter de ser desconstruído e reconfigurado a fim de abrir caminho para uma maior acumulação num estágio ulterior. Se, portanto a palavra “globalização” significa alguma coisa relativa à nossa geografia histórica recente, é bem provável que designe uma nova fase de exatamente esse mesmo processo intrínseco da produção capitalista de espaço.” (HARVEY, 2006, p.80-81).

A ocupação dos territórios do planeta e sua conexão aos demais sempre esteve ligada aos meios técnicos que permitem a manutenção do controle humano sobre as

imprevisibilidades da natureza. Estradas, sistemas de correio e outros recursos de mobilidade e comunicação desempenharam papel importante na unidade das organizações políticas humanas, sendo o avanço tecnológico centro dos esforços na busca de novas formas de ampliar o leque de ferramentas disponíveis. A acumulação de conhecimentos pelos povos apresentou diferentes ritmos, sendo alcinhas as épocas de efervescência científica recente de “Revoluções Industriais” devido ao papel preponderante da produção industrial como base econômica para estas sociedades. O desenvolvimento dos motores à vapor e em seguida à combustão, ambos baseados em queima de material fóssil para liberação de energia, dotaram o ser humano de capacidade para realizar grandes quantidades de trabalho em tempo reduzido, propulsionando-o à distâncias e velocidades nunca antes cogitadas. Os avanços mais recentes da técnica humana exploram recursos complexos da comunicação, utilizando-se de códigos e combinações matemáticas aliados a produção e interpretação de impulsos luminosos e sonoros para construir linguagens que permitam maiores trocas em menores quantidades de tempo.

“[...] a partir da segunda metade do século XIX e pelo XX afora, as transformações tecnológicas se tornaram um fator cada vez mais decisivo na definição das mudanças históricas. [...] Assim como as inovações tecnológicas alteram as estruturas econômica, social e política, mudam ao mesmo tempo a condição de vida das pessoas e as rotinas do seu cotidiano. As novas demandas de mão-de-obra dos grandes complexos industriais, associadas à mecanização em massa das atividades agrícolas, provocam um êxodo coletivo de grandes contingentes da população rural em direção às cidades, dando origem à metrópoles e megalópoles modernas. Pela primeira vez as cidades podem crescer em escala colossal, pois os novos meios de transporte movidos a eletricidade, como os trens, bondes e metrô ou veículos movidos à combustão interna, como motocicletas, carros ônibus e caminhões, podem deslocar rapidamente grandes multidões dos bairros residenciais para as zonas de trabalho e vice versa.” (SEVCENKO, 2001, p.59-61).

As inovações geradas através do progresso da técnica possibilitaram mudanças nas formas de organização das sociedades. Em um primeiro momento encurtando as distâncias físicas que separavam os indivíduos, através de meios de transporte mais velozes, e, atualmente, com o desenvolvimento de meios de comunicação que anulam o tempo de espera existente entre as trocas de mensagens realizadas pelos habitantes do planeta, aumentando exponencialmente as trocas culturais e informacionais realizadas pelo ser humano. Este acréscimo na velocidade de deslocamento e comunicações potencializou o fenômeno conhecido como Globalização, caracterizado pela superação das fronteiras culturais e territoriais entre os diferentes povos do globo. Teóricos das

Ciências Sociais, como Anthony Giddens(1991), David Harvey(2011, 2006) e Zygmunt Bauman(1999, 2001, 2003, 2008 e 2009) tem analisado o impacto de tais mudanças nas relações interpessoais e grupais, onde culturas locais podem ser influenciadas por valores produzidos por distantes centros hegemônicos globais.

“Todos os atrativos da ocidentalização estão à disposição ali, incluindo transformações nas relações sociais que fazem jovens mulheres vender sua sexualidade e sua beleza por toda parte, e instituições culturais (que vão de concursos de miss mundo a arrojadas exposições de arte), criando um espantoso mosaico de versões exageradas, que beiram a paródia, de Nova York, Londres ou Paris.” (HARVEY, 2006, p.80-81).

O efeito da globalização sobre a cultura está diretamente vinculado à crescente taxa de urbanização da grande maioria dos países do globo, onde devido às condições que regem o desenvolvimento do capitalismo, a população nacional que atende as demandas de mão de obra para os setores industriais e de serviços concentra-se em certos espaços, gerando neste processo enormes centros urbanos que reúnem milhões de pessoas. O padrão de urbanização encontrado com maior frequência consiste em modelos de distribuição da população segmentados por renda, infraestrutura voltada ao veículo privado, arquitetura fortificada de muros e gradeamentos e escassos espaços públicos de convívio. Neste ambiente é virtualmente impossível estabelecer relações de intimidade com um grande número de pessoas, pois a enorme diversidade cultural abrigada e sua proporção gigantesca torna a cidade um ambiente multiplicador da cultura genérica de massa, onde gradualmente a vida comunitária se torna restrita a poucos espaços, sufocando as culturas locais em ambientes particulares.

“Nessas grandes metrópoles em rápido crescimento, todos vieram de algum outro lugar; portanto, praticamente ninguém conhece ninguém, cada qual tem uma história à parte, e são tantos e estão todos o tempo todo tão ocupados que a forma mais prática de se identificar e conhecer os outros é a mais rápida e direta: pela maneira como se vestem, pelos objetos simbólicos que exibem, pelo modo e tom com que falam, pelo seu jeito de se comportar.” (SEVCENKO, 2001, p.63-64).

A convivência entre extremos culturais e financeiros em ambientes compartilhados por anônimos tem apresentado entre as populações a produção de grandes conflitos, o desenvolvimento de tendências individualistas e até mesmo xenóforas. A concentração populacional aliada à exacerbação das desigualdades sociais geradas pelo sistema capitalista de produção é responsável por um esvaziamento dos espaços de sociabilidade, resultando em confinamento do indivíduo morador da cidade em locais privados (BAUMAN, 2008; BITTENCOURT, 2010). Diante do cerceamento

da liberdade de locomoção e do medo da violência externa, os meios de comunicação ganham destaque especial, construindo pontos de contato entre o indivíduo e a realidade externa, trazendo as notícias, entretendo e sociabilizando.

“Esta sociedade aterrorizada com os perigos e com a (falta de) segurança no espaço público estimula um crescente isolamento individual, inclusive um verdadeiro insulamento por trás dos muros dos condomínios fechados das megalópoles e nos refúgios virtuais do ciberespaço.” (SIBILIA, 2008, p.264).

A televisão, veículo informacional baseado em *broadcast* (emissão de sinal unidirecional, onde existe apenas um emissor) quase onipresente nos lares ocidentais e brasileiros², conquistou espaço e relevância nas rotinas dos indivíduos de forma notável, sendo frequentemente a maior atividade de lazer das famílias³. O rádio e o jornal são mídias de menor centralidade atualmente, mas que exerceram peso relevante na sociedade moderna, sendo ambos também considerados meios de comunicação de massa baseados no princípio de *broadcast*. É importante salientar que todos estes veículos citados apresentam algum tipo de interação e de retroalimentação com o público, seja através de linhas telefônicas, cartas, correio eletrônico ou participação presencial, mas não contam com este elemento como fundamento de seu funcionamento.

O século XX foi caracterizado pela formação de um grande público espectador por todo o globo, educado para consumir de forma isenta de julgamento as construções ideológicas propagadas pelos poderes instaurados como transmissores em broadcast de conteúdos midiáticos. O poder de construção e disseminação de informações, centrado em um pequeno conjunto de emissores de via única confere a estes uma capacidade de decisão sobre a maneira pela qual as narrativas devem ser estruturadas e a mensagem condicionada, construindo discursos e visões de mundo. A mídia, descrita na literatura como o quarto poder, exerce ainda influência inquestionável sobre a opinião pública, moldando de forma bem sucedida a sua visão de mundo e interesses.

“[...] toda associação das horrendas imagens da fome apresentadas na mídia com a destruição dos postos de trabalho (isto é, com as causas globais da pobreza local) é cuidadosamente evitada. As pessoas são mostradas com sua fome, mas, por mais que os espectadores agucem a visão, não verão um único instrumento de trabalho, uma única faixa de terra arável ou uma só cabeça de gado nas imagens, nem ouvirão qualquer referência disso[...] As riquezas são globais, a miséria é local – mas não há ligação causal entre elas, pelo menos não no espetáculo dos alimentados e dos que alimentam.” (BAUMAN, 1999, p.82).

O computador exerce o papel de transmissor das informações neste cenário moderno, compartilhando muitas das funções das ferramentas anteriores de comunicação. Isso pode ser observado nos serviços de e-mail que simulam a troca de cartas; nos noticiários online, extensões de suas versões de papel; nos vídeos produzidos online para os seguidores de um canal ou site que simulam uma concessionária de televisão; e nos canais de música que trazem aos ouvintes os serviços similares ao rádio. O fator diferencial do computador como ferramenta comunicacional está na possibilidade de transformar o usuário em potencial criador de conteúdo, caracterizando-se como *interativo*, possuindo assim papéis de emissor e receptor sobrepostos. Os meios de comunicação interativos tendem a exercer maior influência sobre a experiência valorativa dos usuários, pois incentivam a participação ativa na construção do canal de comunicação. Ao transformar os espectadores em participantes da emissão de conteúdo, modifica-se a lógica de mercado existente nos meios tradicionais, abrindo novos espaços para conteúdos de baixa aceitação e público difuso, assim como permitindo um número infinitamente maior de experimentações e testes diretamente com o consumidor.

A incorporação de novas ferramentas e seu impacto na transformação da vida social é um evento conhecido e recorrente na história da humanidade. Novas tecnologias tendem a suscitar estranhamento, dúvidas e medo, necessitando de certo período temporal de ajuste até que ocorra a sua assimilação, aperfeiçoamento, controle ou humanização de sua estrutura e utilização. A telemática tem demonstrado potencial quase irrestrito de aplicações na mecanização dos postos de trabalho nas indústrias e no setor de serviços, alterando a forma como se configuram as relações sociais. Kumar (1997) aponta inúmeros exemplos diários de seus efeitos.

“Bancos 24 horas, faturamento automático nas caixas de supermercados, o virtual desaparecimento de cheques e dinheiro na maioria das transações monetárias, processadores de texto e máquinas de fax, reservas de hotéis e passagens aéreas online, transmissão via satélite de qualquer parte do mundo.” (KUMAR, 1997, p.28).

No entanto, Kumar (1997) aponta que apesar das mudanças tecnológicas impactarem de forma extraordinária a organização econômica da sociedade em proporções globais, a mudança mais relevante e perceptível está nas esferas do lazer e do consumo, propondo a existência de um direcionamento para a construção de uma “sociedade centrada no lar”, onde os indivíduos gradualmente abandonam os espaços

públicos de convivência e participação política em prol do conforto e conveniência fornecidos em sua casa.

“A tecnologia da informação, dirigida por um conjunto inteiro de grandes interesses empresariais, tem sido posta cada vez mais a serviço do consumo baseado no lar. O entretenimento é o exemplo mais óbvio. “Sair para dar uma volta” foi substituído pelo “ficar em casa”. Em vez de ir ao bar ou ao cinema, as famílias – coletiva ou separadamente – assistem a filmes no videocassete em casa ou escolhem programas entre os trinta canais de televisão local, por satélite ou cabo. Os computadores caseiros fornecem meios de acesso a um número infindável de jogos eletrônicos.” (KUMAR, 1997, p.165).

Kumar (1997) apresenta o mesmo receio de inúmeros outros estudiosos desta área ao observar na “sociedade centrada no lar” as características atomistas e individualistas tão presentes nas análises sobre a modernidade, onde o crescente isolamento do contato social diário leva a uma alienação crescente dos indivíduos.

“Mas o lar como lugar é diferente do lar como família ou como centro de atividades comuns. A verdadeira tendência da sociedade da informação é liberar e fortalecer o indivíduo, não a família [...] Não há necessidade, e nem lugar para elas, de atividades coletivas ou grupais – não, pelo menos, como as que poderiam ocorrer no lar em conjunto com outros membros da família. Escondido na privacidade de seu quarto, sentado em frente a um terminal de computador, o indivíduo se diverte, educa-se, comunica-se com outras pessoas na estrada da informação e providencia seu sustento prestando o necessário trabalho na economia da informação. [...] A informática pretende liberar o indivíduo não só dos grilhões do trabalho em grupo ou de instituições culturais de massa, mas também da família. O lar tornou-se o local preferido de atividades individuais, mas não gera finalidade coletiva nem senso de valores familiares compartilhados.” (KUMAR, 1997, p.168).

As teorizações a respeito dos impactos destas tecnologias sobre a sociabilidade dos indivíduos se baseia fundamentalmente na percepção do teórico sobre seus efeitos ou fundamentos. Estes são contrapostos a valores construídos também socialmente a cerca de outros tipos de interação e convívio experienciados durante o processo de socialização. Apesar da intencionalidade do sistema ou dos interesses econômicos do período no qual foi produzido este texto, é necessário reconhecer que toda ferramenta produzida para um fim é eventualmente capturada e utilizada para outras intenções e finalidades diferentes dos originários no momento da sua concepção. Além deste aspecto, também deve ser considerada a possibilidade de mudanças das funções das ferramentas e possibilidades criadas a partir de tais modificações, pois diante de certas limitações encontradas é relativamente fácil realizar julgamentos de caráter definitivo.

“Os quarenta milhões de pessoas atualmente ligadas à Internet podem compartilhar algum senso comum de participar de uma atividade nova e emocionante, mas essa participação não gera um senso de comunidade autêntica, nenhuma nova Gemeinschaft. As ligações entre elas são na maior parte segmentadas e resolutamente unidimensionais. Nem mesmo uma voz humana as liga, há apenas grande número de mensagens escritas, meros retalhos de humor despersonalizado, alguns serviços técnicos úteis e uma quantidade enorme de correspondência eletrônica.” (KUMAR, 1997, p.169).

O aperfeiçoamento das redes de transmissão via satélite alcançaram um nível mais elevado do que a maioria dos teóricos previu, exercendo papel de suporte nas relações humanas, assim como seus recursos e espaços, desenhados de forma a possibilitar maior interação e participação na construção social. As Redes Sociais apresentam um padrão de utilização predominantemente doméstico, possibilitando um vínculo entre o lar e os agentes externos de forma interativa. O intercâmbio proporcionado por um meio de comunicação com abrangência planetária permite a construção de identidades supranacionais e a aproximação de culturas distantes, reforçando as similaridades e derrubando barreiras geográficas, como a criação e manutenção de vínculos de amizade entre pessoas que, por motivos diversos, tem sua interação limitada por se encontrarem fisicamente separadas.

3.2. A amizade como relação social

O ser humano se apresenta por natureza como animal associativo, sendo suas interações grupais as principais responsáveis pelo seu desenvolvimento como espécie e seu sucesso na ocupação de inúmeros habitats do planeta. Entre os principais produtos das interações humanas está o desenvolvimento cultural intenso e a organização complexa dos esforços produtivos que permitiram ampla vantagem evolutiva em comparação com as outras espécies existentes no planeta (GEERTZ, 1980).

A crescente complexidade das interações produziu diversas categorias de classificação e orientação comportamentais, configurando diferentes esferas de relacionamentos como família, casamento e amizade. O conceito de amizade apresenta grande variação em diferentes épocas e contextos de socialização do homem, sendo comum a percepção de variações nos fatores motivadores e uma gradação em sua intensidade. A escassez de estudos acerca da temática das relações de amizade na sociologia é reconhecida pelo teórico Anthony Giddens, que aponta a importância da temática e a centralidade do seu estudo.

“A amizade foi pouco estudada pelos sociólogos, mas ela proporciona uma pista importante para fatores de amplo alcance que influenciavam a vida pessoal. Temos de compreender o caráter da amizade em contextos pré-modernos precisamente em associação com a comunidade local e o parentesco. A confiança nos amigos (o termo oposto em tais contextos sendo “inimigos”) era frequentemente de importância central. [...] havia uma divisão bem clara entre os de dentro e os de fora [...] a amizade era frequentemente institucionalizada e era vista como um meio de criar alianças mais ou menos duradouras com outros contragrupos externos potencialmente hostis[...] essencialmente formas de camaradagem[...]” (GIDDENS, 1991, p.120-121).

A concepção de amizade citada pelo teórico como referência de um contexto pré-moderno é ainda presente na valoração filosófica das relações atuais.

Pode-se encontrar em um dos pioneiros na abordagem do tema, Aristóteles (2001), uma imagem da amizade também construída sobre valores ainda vigentes, definida como uma necessidade da natureza humana inegável e superior aos interesses econômicos.

“[...] acerca da natureza da amizade, já que ela é uma virtude ou implica virtude, e, além disso, é extremamente necessária a vida. Com efeito ninguém escolheria viver sem amigos, ainda que dispusesse de todos os outros bens, e até mesmo pensamos que os ricos, os que ocupam altos cargos e os que detêm o poder são os que mais precisam de amigos; [...] ajuda os jovens a evitar o erro; ajuda os mais velhos aparando-os em suas necessidades e suprimindo as atividades que declinam com o passar dos anos; e os que estão no vigor da idade, ela estimula a prática de nobres ações [...] não é apenas necessária, mas também nobre pois louvamos os homens que amam os seus amigos e considera-se que uma das coisas mais nobres é ter muitos amigos [...] para serem amigos, as pessoas devem conhecer uma à outra, desejando-se reciprocamente o bem [...]” (ARISTÓTELES, 2001, p.163).

Aristóteles (2001) aponta a amizade como constituinte do ser humano, natural e uma exigência da vida que a dota de maior significado e é necessariamente benéfica e virtuosa, associando a sua existência a construções afetivas amorosas. Em seguida Aristóteles diferencia três tipos de relações de amizade, separando-as pelas motivações que orientam o afeto mútuo entre as partes. Entre as categorias, duas se caracterizam por percepções fragilizadas da amizade, onde o que mantém os amigos juntos são fatores egoísticos de “[...] interesse, amam-se por causa de sua utilidade, por causa de algum bem que recebem um do outro [...] em razão do prazer, amam em virtude do que é agradável a eles [...]” (ARISTÓTELES, 2001, p.166). Em contraste, a terceira caracteriza-se por uma idealização virtuosa da relação de amizade perfeita, imbuída de ética e movida por atores impecáveis, onde ela é dotada de preocupação genuína com o bem estar do outro. “A amizade perfeita é aquela que existe entre os homens que são

bons e semelhantes na virtude, pois tais pessoas desejam o bem um ao outro de modo idêntico, e são bons em si mesmos. [...] fazem em razão da sua própria natureza e não por acidente.” (ARISTÓTELES, 2001, p.167).

Acerca da amizade verdadeira, Aristóteles (2001) a limita tanto espacialmente, com a exigência de convivência entre os amigos, como quantitativamente, pois devido à necessidade de tempo e dedicação, estas seriam naturalmente escassas e raras.

“A distância não faz desaparecer a amizade em absoluto, mas somente a sua atividade, no entanto, se a ausência se mantém por muito tempo, parece de fato fazer com que as pessoas esqueçam sua amizade [...] Não se pode ser amigo de muitas pessoas no sentido de ter com elas uma amizade perfeita, da mesma maneira que não se pode amar muitas pessoas ao mesmo tempo [...] é preciso, para uma amizade perfeita, que as duas partes adquiram experiência recíproca e se tornem íntimas, e isso custa muito esforço [...] De fato, a amizade pode sobreviver ao desaparecimento de muitas das partes que a compõe, mas quando uma das partes se distancia demasiadamente, como ocorre com os deuses, termina a possibilidade de amizade.” (ARISTÓTELES, 2001, p.169-173).

As mudanças tecnológicas desenvolvidas pela humanidade levaram a superação de muitos modelos das concepções relacionais, alterando as noções de distância, felicidade, amor, tempo e também amizade. Giddens (1991) discorre sobre as mudanças significativas ocorridas na simbologia fundante desta última concepção de interação relacional devido à vasta extensão de sistemas abstratos existentes.

“[...] O oposto de “amigo” já não é mais “inimigo”, nem mesmo “estranho”; ao invés disto é “conhecido”, “colega”, ou “alguém que não conheço”. [...] a honra é substituída pela lealdade que não tem outro apoio a não ser o afeto pessoal, e a sinceridade é substituída pelo que podemos chamar de autenticidade: a exigência de que o outro seja aberto e bem intencionado. Um amigo não é alguém que sempre fala a verdade, mas alguém que protege o bem-estar emocional do outro.” (GIDDENS, 1991, p.122).

Para a elaboração do presente estudo, tornou-se necessário uma definição abrangente de amizade, que pudesse englobar as relações construídas ou mantidas através de ferramentas comunicacionais. Assim, agregou-se às definições filosóficas de amizade outras formas de expressão sobre esse tipo de relação entre indivíduos, provenientes do âmbito das ciências sociais. Embora, pouco abordada neste campo de estudos, a amizade é objeto constante de estudo da pesquisadora Cláudia Barcellos Rezende, que traça o percurso histórico da utilização do conceito pelos teóricos da Antropologia e Sociologia.

“A palavra “amizade” em português refere-se tanto a um sentimento quanto a uma relação específica. Segundo o dicionário Aurélio, esse sentimento

engloba outros, como afeição, simpatia e ternura, e pode, assim, estar presente em relações que não são caracterizadas como de amizade. Já no dicionário inglês Oxford, encontramos uma definição mais restrita da categoria, que se refere apenas à relação entre amigos ou ao sentimento associado a essa relação específica. Embora sejam definições formais de dicionários, esses significados apontam para elaborações culturais particulares, mostrando como o conceito de amizade pode diferir de sociedade para sociedade. Na escassa literatura nas ciências sociais sobre o tema, a amizade é vista em geral como uma relação afetiva e voluntária, que envolve práticas de sociabilidade, trocas íntimas e ajuda mútua, e necessita de algum grau de equivalência ou igualdade entre amigos (Allan 1989; Paine 1974; Suttles 1970). Nessa discussão, a amizade é alocada estritamente no domínio privado da vida social. Entretanto, alguns estudos mais recentes (Bell e Coleman 1999; Papataxiarchis 1991; Silver 1989) mostram como os significados da amizade em contextos históricos e culturais distintos vão realçar ou eclipsar esses termos, que, por sua vez, se mostram entrelaçados com uma forma especificamente ocidental e moderna de pensar a pessoa e sua relação com os outros, problematizando também sua localização na esfera privada” (Rezende 2001).

Com base nas contribuições teóricas mencionadas anteriormente, pode-se, então, identificar entre as características centrais da amizade a afetuosidade, o voluntarismo, a intimidade e a reciprocidade. É importante salientar que o conceito de amizade possui uma gradiente de significados, sendo o indivíduo capaz de construir sua percepção de proximidade, selecionando quem é ou não passível de ser amigo. Entre os critérios de exclusão identificados há o de desagrado e o baseado em diferenças (etárias, étnicas, religiosas, grau de escolaridade, aparência física e vestuário). Nos critérios de inclusão encontram-se os de aparência física, habilidade social, responsividade, timidez e similaridade. Por fim, há dois fatores diádicos no surgimento da amizade: o apreço mútuo no julgamento inicial de um indivíduo sobre o outro, e a abertura para revelar assuntos particulares (SOUZA & HUTZ 2008).

Característica relevante dos estudos sobre a amizade, em geral considerada indispensável, é o fator da proximidade física e a interação frequente, uma convivência intensa onde se compartilha a vida diária. Tais estudos tendem a ignorar as situações onde os meios de comunicação são fomentadores de vínculos, relegando tal tipo de interação a uma categoria fora da relação de amizade. Segundo o sociólogo Anthony Giddens tal restrição da amizade à fisicalidade pode ser superada em condições de modernidade pelos meios tecnológicos.

“[...] O mundo lá fora - que se transforma gradualmente da familiaridade do lar e da vizinhança local para um tempo-espaço indefinido – não é de modo algum um mundo puramente impessoal. Pelo contrário, relações íntimas podem ser mantidas à distância (contato regular e corroborado pode ser feito com outros indivíduos em virtualmente qualquer lugar da superfície da Terra

– bem como um pouco acima e abaixo), e laços pessoais são continuamente atados com outros que nos eram anteriormente desconhecidos.”(GIDDENS, 1991, p.143).

Existe uma suposição de que o senso comum tende a classificar interações entre indivíduos conhecidos ou familiares como “amigos”, desqualificando a carga anterior do conceito. De forma semelhante estende-se o mesmo argumento às redes sociais como uma categoria superdimensionada para definir a qualidade dos contatos entre os usuários. Mas segundo a percepção de Giddens, “É simplesmente uma inverdade que em condições de modernidade vivemos cada vez mais num “mundo de estranhos”.” (GIDDENS, 1991 p.143), apontando para uma situação onde o número de interações diárias de um indivíduo se elevou a quantidades exorbitantes, o que acarreta a necessidade de modificação das condições de categorização e organização destas formas de relacionamento. No entanto, a diversificação dos contatos e sua ampliação em número de ocorrências não diminuem ou desautorizam as relações afetivas que definem a amizade, que continuam a existir neste cenário, sendo selecionadas e construídas de diferentes maneiras pelos sujeitos.

3.3. A internet enquanto instrumento de comunicação

A internet é um dos meios de comunicação que tem obtido espaço e relevância mais rapidamente na atualidade. Por sua amplitude e caráter de interatividade destaca-se das mídias tradicionais, oferecendo um grande número de serviços, ao mesmo tempo em que oferece ao usuário um grau de liberdade, produção e compartilhamento inéditos, o que inclui a preservação e a ampliação das relações de amizade por este meio. No entanto a disponibilidade deste serviço está sujeita a muitos componentes impeditivos, sendo necessária especial atenção para as limitações atuais de tal ferramenta. Sua penetração na sociedade é limitada, devido a diversos fatores como renda, idade e região de moradia. Conforme assinala Sibilía (2008).

“[...] Alguns dados conspiram contra as estimativas mais otimistas quanto ao “acesso universal” ou à “inclusão digital”. Hoje, por exemplo, apenas um bilhão dos habitantes de todo o planeta possuem uma linha de telefone fixo; desse total, menos de um quinto têm acesso à internet por essa via. [...] 43% na América do Norte, 29% na Europa e 21% em boa parte da Ásia, incluindo os fortes números do Japão. Nessas regiões, portanto concentram-se 93% dos usuários da rede global de computadores. [...] 4% na nossa América Latina, pouco mais de 1% no Oriente Médio e menos ainda na África. Assim, no contrapelo das comemorações pela “democratização da mídia” os números sugerem que a brecha entre as regiões mais ricas e mais pobres do mundo não estão diminuindo. [...] essas desigualdades parecem aumentar junto com as

fantásticas possibilidades inauguradas pelas redes interativas. [...] apenas 15% dos habitantes da América Latina têm algum tipo de acesso à internet. Constatações dessa natureza levaram a formular o conceito de *tecnopartheid*, que procura nomear essa nova cartografia da terra como um arquipélago de cidades ou regiões muito ricas com forte desenvolvimento tecnológico e financeiro, em meio a um oceano de uma população mundial cada vez mais pobre. [...] No Brasil, por exemplo, já existem quase quarenta milhões de pessoas com acesso à internet [...]. Dessa quantidade, só três quartos dispõem de conexões residenciais, e de fato são apenas vinte milhões os que se consideram “usuários ativos”; ou seja, aqueles que se conectaram pelo menos uma vez no último mês. Os números têm crescido e já representam uma quinta parte da população nacional com mais de quinze anos de idade; [...] são 120 milhões os brasileiros que (ainda?) não tem nenhum tipo de acesso à rede.” (SIBILIA, 2008, p.23-24).

Os dados apresentados por Sibilía retratam uma realidade onde a internet é um serviço de luxo, com seu acesso altamente segmentado dentre a população de alta renda do globo, acentuando assim as desigualdades sociais existentes entre os detentores de tal meio de comunicação versátil e cheio de possibilidades e seus excluídos. No entanto, o perfil tecnológico apresentado por este recente serviço, além de requerer altos investimentos em infraestrutura para o início de sua disponibilização, também demanda do cidadão o domínio do uso e o acesso a um computador pessoal, ferramenta também nova no cenário mundial. Cabem, portanto, algumas considerações sobre o caráter histórico desta inovação.

O computador pessoal, versão aprimorada e infinitamente menor dos grandes mainframes⁴ de processamento de dados utilizados no final do século XIX em centros de inteligência militar e grandes empresas, tornou-se um bem de consumo relativamente popularizado, atingindo um grande número de usuários no planeta, igualando-se a tantos outros eletrodomésticos presentes nos lares. De estruturas robustas de processamento de dados com poucas funcionalidades, os computadores tornaram-se verdadeiras plataformas de trabalho e de comunicação, fornecendo um ambiente repleto de ferramentas que possibilitam inúmeras modalidades de uso, que variam do entretenimento em vídeo à produção textual. O computador ocupa espaço privilegiado no imaginário consumista recente, criando um grande mercado de bens e serviços marginal a sua posse e uso, onde se destaca a produção de softwares.

A internet surge em contexto similar a diversas outras tecnologias, ou seja, a partir da pesquisa para fins militares. A corrida espacial e armamentista entre as potências que disputavam a hegemonia global durante a guerra fria provocou extensos investimentos em sistemas de comunicação, radares e espionagem, que se

materializaram em diversas tentativas de criação de redes rápidas, seguras e estáveis para troca de dados militares. Seguindo o perfil da inovação tecnológica moderna, logo a internet migrou para campos econômicos, permitindo melhor comunicação entre empresas e universidades. Neste contexto é que ocorreu o surgimento da World Wide Web⁵ tal como a conhecemos hoje. A Web, rede de acesso utilizada por mais de um quarto da população do globo, foi criada na universidade de Oxford em 1991 por Timothy John Berners-Lee, crescendo então vertiginosamente durante estes 21 anos de existência⁶, em um ritmo mais acelerado que qualquer outra tecnologia de serviço comunicacional já desenvolvida no mundo.

O capítulo atual do desenvolvimento da Internet envolve o desenvolvimento da portabilidade, transferindo a capacidade de interação com a rede a aparelhos diversos, com dimensões reduzidas quando comparadas ao computador doméstico como os notebooks⁷, netbooks⁸, tablets⁹ e smartphones¹⁰. Os desafios da redução física dos aparelhos e conservação da funcionalidade e interação com a rede levaram a tentativa de externalização das funções para a internet, de forma a reduzir a necessidade de potência e memória de armazenamento nos aparelhos. As inovações conquistadas neste campo tem levado a popularização de um serviço de processamento de informações à distância conhecido como “computação nas nuvens”, que apesar de não possuir caráter etéreo como o nome sugere, pode ser explicada como a pulverização de processos e dados em inúmeros servidores empresariais, que trocam dados quase simultaneamente para acessar ou resolver os pedidos de informação do usuário. Devido ao caráter de remoção da independência do usuário sobre suas posses, como a posse física das suas informações em um disco, este novo serviço também está entre os temores de alguns teóricos, pois nele pode estar o embrião da fiscalização e limitação do conteúdo que circula pelas redes.

“[...] Parte deste impulso global para a privatização do “intelecto geral” é a tendência recente de organizar o ciberespaço para a chamada “computação em nuvem”. Há uma década, o computador pessoal era uma grande caixa que ficava em cima da mesa [...] hoje, não precisamos mais de computadores individuais potentes, porque a computação em nuvem ocorre na internet, isto é, os programas e as informações são fornecidos sob demanda aos computadores ou celulares inteligentes, na forma de ferramentas ou aplicativos localizados na internet que os usuários podem acessar e utilizar por meio de navegadores, como se fossem programas instalados no computador. Dessa maneira, podemos ter acesso às informações de qualquer parte do mundo onde estivermos, com qualquer computador, e os celulares inteligentes põem esse acesso literalmente em nosso bolso. Já participamos

da computação em nuvem quando realizamos buscas e obtemos milhões de resultados numa fração de segundo; o processo de busca é feito por milhares de computadores interligados, que compartilham recursos na nuvem. [...] Os usuários acessam programas e arquivos guardados muito longe, em salas climatizadas com milhares de computadores [...] para gerenciar a nuvem, é necessário um sistema de monitoração que controle seu funcionamento, e, por definição esse sistema está escondido do usuário. [...] a formação de “nuvens” vem acompanhada do processo de integração vertical: cada vez mais uma única empresa ou corporação detém todos os níveis do ciber mundo, desde o hardware individual (computador, iphone...) e o da “nuvem” (armazenamento de programas e dados acessíveis) até o software em todas as suas dimensões (programas, material em áudio, vídeo).” (ZIZEK, 2011, p.8-9).

No caso específico da distribuição desse serviço entre a população brasileira observa-se a existência de diversos fatores limitantes. Primeiramente o território nacional é de extensão continental, elevando consideravelmente os gastos necessários em infraestrutura, fator agravado pelo número restrito de concessionárias e sua distribuição geograficamente desigual até mesmo no interior das grandes cidades (distribuição limitada a bairros que possuem maior renda). Estas por sua vez são pouco fiscalizadas, cobrando valores abusivos¹¹ pelo produto que oferecem e limitando os pacotes de serviço em moldes pouco flexíveis, de qualidade inferior a média internacional, restringindo assim o mercado potencial.

O Brasil também configura um dos casos mais desiguais de distribuição de renda entre os países do globo¹², apresentando uma grande faixa populacional de baixo poder aquisitivo. Devido às características da ferramenta, mais distantes se tornam, portanto, as possibilidades de inclusão imediata deste segmento no mundo digital. O fator geracional também é de grande relevância para o país, devido à tardia inclusão de grandes contingentes de usuários potenciais da internet no mundo digital, bem como da demorada popularização e disponibilização a um maior público, possuindo assim um número relevante de pessoas que viveram sem o conhecimento do serviço ou o encaram com desconforto e rejeição. Tal diferenciação se dá tanto na valoração do recurso tecnológico e na centralidade que este ocupa em suas vidas, como também na percepção de suas capacidades e utilidades. A concepção do computador como uma ferramenta externa e estranha que surge para rivalizar com o tempo disponível para as relações humanas é completamente oposta à percepção dos jovens que naturalizam a sua existência e a incorporam em sua forma de pensar e agir na sociedade. “A tecnologia é integrada em nós mesmos, como parte do que é ser social, ser pessoa, para além de um

savoir-faire técnico. Evitamos assim o falso dualismo real/virtual;[...]" (PONTES & CARDOSO, 2004).

Mesmo sob tais condições, a internet torna-se um dos lócus do desenvolvimento de relações interpessoais e grupais, reunindo pessoas de interesses semelhantes, através de grandes distâncias, em espaços de intercâmbio onde ocorre mútuo reforço identitário (SILVEIRA, 2004; IONTA, 2010). Diferentemente das relações experienciadas face a face, onde o convívio provoca as situações de interação entre as partes, as relações intermediadas através do meio virtual possuem características excepcionais de controle e de contenção que levantam suspeitas a respeito de sua concretude e seriedade, pois tais relações podem ser suspensas ao clique de um botão, e limitadas por selecionamentos rigorosos dos intercâmbios (SILVEIRA, 2004).

3.4. As redes sociais como meios de conservação e formação de relações de amizade.

A formação de amizades através da Internet ocorre em grande parte nas redes sociais. Deve-se considerar, no entanto, que a utilização do termo Redes Sociais é recorrente na sociologia, tendo sido empregado frequentemente de forma metafórica e, mais recentemente¹³, de forma analítica. A forma metafórica de utilização do conceito de rede social abrange qualquer apropriação que associe a imagem de um conjunto grande de interações, envolvidas direta ou indiretamente em um fim social. Enquanto abordagem analítica pressupõe um estudo das interações entre diversos indivíduos situados em um contexto específico, onde as relações mantidas entre eles são determinantes comportamentais.

O conceito metafórico popularizado de Redes Sociais, que veio a ser adotado e propagado pela informática, foi escolhido por associação com a percepção da internet como uma rede de comunicação e dos sites de relacionamentos como espaços de sociabilidade qualificados, derivando, portanto, a metáfora por associação para a definição final de uma Rede Social.

A caracterização da internet em seu estágio inicial estava mais próxima de uma plataforma de troca de dados estratégicos, trabalhos e documentos, distanciada

totalmente da aplicação atual de suas potencialidades. A restrição da ferramenta a campos empresariais, militares e universitários reforçaram seu caráter utilitarista, reduzido a poucas experiências de utilização como arena de encontros para sociabilização. O custo de sua instalação e a escassez de computadores pessoais no mercado consumidor global limitaram drasticamente suas aplicabilidades, sendo sua definição restrita apenas ao conceito de rede informacional.

Em sua fase posterior de popularização, a internet tornou-se consideravelmente mais acessível¹⁴. Em parte pelo barateamento dos computadores pessoais e devido a expansão dos mercados de telecomunicações, sendo incorporada a suas principais utilizações a função de troca de mensagens pessoais, o correio eletrônico. Os programas de troca de mensagem que simulavam a troca de correspondência se tornaram mais rápidos, permitindo a utilização da rede para troca instantânea de mensagens, e logo se criaram formas mais dinâmicas de reunião de indivíduos para interação como fóruns, salas de bate papo e sites de relacionamentos.

O aparecimento das Redes Sociais poderia ser caracterizado como o passo seguinte da coletivização da comunicação e interação via internet, aplicando os conceitos desenvolvidos nos programas anteriores em uma forma mais dinâmica e acessível, reunindo em um só espaço diversas funções populares e somando novas funcionalidades antes inexistentes. O aperfeiçoamento dos recursos de cabeamento em fibra ótica e seus intermediários de processamento de dados permitem um volume sempre crescente de dados a serem produzidos e armazenados na web, disponibilizando opções nunca antes cogitadas pelos programas antecessores, criando um verdadeiro diário online das vidas de seus usuários com a utilização de imagens, vídeos e a interação de milhares de usuários em sua construção não mais solitária e individualizada.

A rede social atualmente dominante no mercado mundial é o Facebook, que conta com um número expressivamente maior de usuários do que as suas concorrentes (mesmo que vários usuários cultivem mais de uma rede simultaneamente), possuindo certos diferenciais que devem ser descritos e analisados. Fundada no dia 04 de fevereiro de 2004, a rede social “Facebook” atualmente conta com 955 milhões¹⁵ de usuários ativos¹⁶, uma população absoluta significativa, menor apenas do que o número de

habitantes de dois países do planeta¹⁷. A existência de tal ambiente virtual de livre comunicação só foi possível, conforme mencionado anteriormente, na medida em que transformações econômicas e culturais ocorreram em todo o globo, possibilitando aos seus diversos usuários, o acesso a uma ferramenta que se tornou o símbolo do poder de expressão e do avanço tecnológico da civilização: a Internet.

Em seu início, a rede social Facebook era baseada na restrição da inscrição, inspirada nos grupos sociais fechados presentes nas universidades americanas e na prática de manter livros anuais com registro de todos os estudantes. O ingresso de novos membros só era possível primeiramente pelo convite de outro usuário já inscrito e secundariamente pela universidade em que o usuário estudava, sendo sua expansão um processo relativamente lento e gradual até sua eventual abertura completa à participação de não universitários.

Ao novo inscrito no Facebook é requisitado o nome, o sobrenome, o gênero, a data de nascimento, uma conta de email e uma senha de acesso à nova conta. Posteriormente, o usuário pode inserir outros dados e imagens que complementem seu perfil, como área de trabalho, local de moradia e idiomas falados além de religião, visão política e outras informações, representando esta página uma espécie de identidade que o apresenta para os outros membros da rede, como pode ser visto na figura 1. Cabe salientar aqui que não há mecanismos de checagem da veracidade das informações concedidas ao site, existindo inúmeros casos de perfis completamente fictícios. São fictícios ou repetidos cerca de 8,7% das contas existentes no Facebook¹⁸.

Figura 1 – Exemplo de perfil no Facebook



Fonte: Facebook, 2013.

A construção do perfil é parte central da lógica da rede social. Funciona como uma vitrine, apresentando uma primeira impressão aos visitantes através de uma imagem similar ao formato 3x4, que é a imagem padrão de reconhecimento do usuário em suas interações. Além da imagem do perfil, o Facebook permite uma capa visual, que, como em um álbum de fotografias, emoldura as informações do topo da página assim que se acessa a página de um usuário.

O perfil caracteriza-se como espaço eminentemente identitário, que descreve uma breve história de vida, além de gostos pessoais, acontecimentos recentes e contatos do participante, convidando outros a observar e conhecer um pouco mais. A página inicial do perfil é centrada em uma lógica temporal contínua, seguindo os passos do usuário e marcando as datas, locais e horários de suas atividades desde seu ingresso na rede, mas sua construção não é circunscrita temporalmente, devendo ser sempre atualizada com novo material ou alterações das informações já colocadas.

O usuário inscrito será convidado a adicionar a sua lista de contatos todos os usuários que lhe são conhecidos. Esta lista está descrita sob o nome “amigos”, podendo ser subdividida apenas para o próprio usuário em categorias menores como “melhores amigos” ou qualquer outro rótulo desejado. A divisão dos contatos em categorias é uma das ferramentas centrais de filtragem tanto das áreas de acesso aos outros usuários como

das notícias apresentadas no mural. A configuração da conta determinará quem terá acesso a diferentes níveis de informação durante a interação na rede, podendo os perfis variar entre exposição completa de todo conteúdo de forma altamente pública até a restrição quase completa de todo material existente sobre um usuário. Grande parte dos usuários da rede está entre estes dois extremos, possuindo informações pessoais restritas aos seus amigos mais próximos e uma pequena quantidade em relação aos conhecidos. A concepção de amizade não é diretamente trabalhada pela rede, fazendo uso apenas de diferenciações simples de intensidade que servem como critério para a assinatura de atualizações.

Além das típicas funções das redes sociais relacionados com a criação de espaços de debate, divulgação de atividades e currículo profissional, a rede conta com outro recurso, o “mural de notícias”, que se propõe a manter o usuário informado dos últimos acontecimentos relevantes postados nas contas de seus amigos e possibilita fácil intercâmbio entre o usuário e tais atualizações, realizando assim um papel de publicação característico da imprensa. Os indivíduos adicionados e categorizados como amigos são incluídos no mecanismo de alimentação de notícias, sendo o nível de categorização responsável pela assinatura total ou parcial do recebimento de avisos. A própria rede também avalia suas atividades com outros usuários, colocando em destaque aqueles com quem ocorre uma interação mais frequente e ocultando os menos ativos. Deste modo, sob o pretexto de maior facilidade e eficiência da utilização é possível perceber certo direcionamento das atividades realizadas na rede.

O Facebook utiliza três formas de relações entre usuários, onde a mais recorrente é a relação direta entre dois inscritos. Além desta opção é possível a criação de grupos, que podem ser descritos como murais restritos a convidados, e páginas que funcionam como perfis para organizações ou empreitadas, tais como fãs clubes, humoristas, ONGS, empresas. Todas as formas de relação podem ter suas ações seguidas, sendo estas disponibilizadas ao usuário na barra de atualizações, que informa através de pequenos números se há mensagens não lidas. Existem três tipos de avisos, divididos entre registros de pedidos de amizade; conversas com outros usuários, que ficam registradas, mesmo quando há comunicação com alguém que está desconectado da internet; e notificações de status, que incluem todo tipo de interação realizada nos murais, grupos e páginas.

Entre as ferramentas empregadas pelo Facebook que conotam efeito de rede mais evidente estão as opções de “Compartilhar” que replica a mensagem desejada em sua atualização de notícias, divulgando-a para seus amigos e o botão “Curtir” que simboliza a aprovação do conteúdo de uma postagem, mas que frequentemente é apropriada de outras maneiras, como enquetes, apelos, ou uma aprovação da ação do usuário em disponibilizar a notícia, mas não de seu conteúdo. Ambas as ferramentas tem seu funcionamento baseado na interação entre os usuários, simulando os hábitos de recomendação utilizados diariamente entre amigos em um ambiente mais exposto e aberto, onde a opinião do usuário é levada para seus amigos e reproduzida inúmeras vezes para os amigos dos amigos destes, construindo um efeito cascata e ampliando o escopo das interações.

É importante ressaltar o grande nível de controle da Rede Social Facebook sobre as ações de seus usuários, meio de acumular infinitas informações. Em 2011 foi divulgado na mídia o caso de um estudante de direito austríaco que processou a empresa devido à impossibilidade de efetivamente excluir suas informações da rede, ao descobrir que a mesma mantinha todos seus registros e conversas armazenadas, mesmo aquelas que foram apagadas pelo usuário através dos botões disponíveis para esta finalidade¹⁹. O controle exercido sobre as interações também é observável através das mensagens do chat, que registram o tempo em que cada mensagem foi enviada e visualizada. Este tipo de recurso impede que o usuário que está em uma conversa, esteja na página e ignore uma mensagem sem que o seu interlocutor saiba.

Em semelhança a outros serviços gratuitos online, o Facebook, cobra para colocar propagandas em suas páginas, e possui como diferencial para seu produto a capacidade de direcionamento dos anúncios ao público mais indicado de consumidores, indicando um forte mercado informacional de marketing como alimentador da existência de tais recursos comunicacionais. É uma preocupação dos usuários e da imprensa em até que nível é possível distinguir se a rede presta um serviço ou divulga e comercializa produtos com base em informações sobre seus utilizadores²⁰. Estas formas de regulação da rede e a observação próxima do tipo de utilização feita por seus usuários geram certo desconforto, muitas vezes invadindo a noção de privacidade destes e levando à sua saída da rede.

As redes sociais em seu formato virtual representam uma construção recente na história da humanidade, um espaço de encontros e trocas situado em um sistema de comunicação de proporções gigantescas, nunca antes alcançado em tamanha proporção e eficiência. Pode-se admitir que um espaço que reúne tantos públicos configura-se como um local de possíveis contradições, por abrigar inúmeros atores com diferentes interesses. O Facebook não escapa a esta lógica, sendo constituído por usuários de diferentes de culturas, crenças e personalidades. Um ambiente com tais características é potencialmente permeado de conflitos, mas também apresenta enorme possibilidade de promover intercâmbios, construir relações duradouras e auxiliar em sua manutenção.

4. As relações de amizade no Facebook

Em face das considerações efetuadas anteriormente, observa-se que é de grande relevância pensar como a internet e seus recursos têm afetado as interações entre os indivíduos e grupos. Desse modo, visando-se a compreender os meios de conservar e de formar novas amizades em um contexto proporcionado pelas redes sociais, procedeu-se, durante um período de seis meses o acompanhamento das atividades de sete usuários do Facebook, que tiveram suas interações observadas e analisadas. A seguir, tais usuários participaram de uma entrevista semiestruturada sobre suas percepções acerca de suas relações de amizade. Entre os entrevistados a faixa etária está entre os 20 e 26 anos, sendo três do sexo feminino e quatro do sexo masculino, todos eles são usuários do Facebook de forma frequente, visitando a rede por períodos extensos e espaçados, totalizando ao menos duas horas de utilização diária. Todos os entrevistados são estudantes do curso de Ciências Sociais. O número de contatos que possuem varia entre 266 e 827.

É relevante considerar que o Facebook não se configura como uma pioneira no mercado das redes sociais, sendo sua aparição considerada tardia em relação aos seus concorrentes e seu sucesso junto ao público mundial ainda mais recente. Desta forma precisa-se considerar que o Facebook não é o primeiro contato com redes sociais de nenhum dos usuários entrevistados na presente pesquisa, todos possuindo alguma experiência anterior que pode ser estendida para outras redes de caráter semelhante, tais como o Orkut ou programas de comunicação de caráter mais simples como salas de bate papo ou de troca de mensagens instantâneas.

A relevância do histórico de uso de redes sociais na internet pelos entrevistados está no aspecto amizade. Pode-se considerar que de forma geral a grande maioria dos usuários que ingressa em uma rede é convidada por algum amigo ou os buscam assim que inscritos, caracterizando uma ferramenta de uso sempre coletivo e dependente das relações de intimidade existentes entre seus utilizadores.

4.1. Utilização, quando e por que?

Todos os entrevistados utilizam a rede de forma fragmentada no tempo. Acessá-la é mais do que simplesmente completar um único objetivo e se retirar, mas

sim um ato frequente de atualização, colaborado por diferentes formas de acesso, principalmente através de aparelhos portáteis como smartphones. As atualizações podem ser tanto a continuidade de uma conversa ao se responder a última mensagem, como a leitura de notícias novas de um grupo ou postagem dos amigos nos murais. O uso da rede aparenta se desdobrar em duas modalidades, uma caracterizada por acessos rápidos para checar novidades, e outra que possui um caráter absortivo, que consome o tempo do usuário por períodos relativamente longos. Ambas as formas de utilização são evidenciadas através das respostas dos entrevistados: G “[uso] Com frequência, diariamente, mais de uma vez por dia, em horas? Eu tento não ficar muito, mas somando tudo provavelmente umas três horas, usos pequenos ao longo do dia.”, E “[utilizo] Todo dia, uma vez no dia, às vezes essa vez não é curta, entendeu? Ultimamente tenho acessado por um período curto enquanto estou em aula.”. Por sua vez o entrevistado C declarou que “[usa] Várias vezes ou uma vez muito longa”.

Difícilmente os usuários conseguiriam contabilizar o número total de horas gastas diariamente acessando o Facebook. A sensação temporal do acesso é diversa. Uma conversa através de texto na rede pode levar horas, mas por ser composta de pequenas mensagens espaçadas em momentos específicos de digitação e leitura, parece aos participantes ser curta e objetiva. O acesso é intercalado por outras atividades, como o uso de outras ferramentas como o e-mail e até mesmo obrigações dos usuários como trabalho ou estudo. É possível que o tempo de utilização da rede seja muito maior do que o relatado nas entrevistas, sendo uma atividade disfarçada e frequente entre outras tarefas dos indivíduos, configurando no caso dos aparelhos portáteis como uma conexão sempre presente no período desperto do usuário.

A motivação para o uso da rede é diverso entre os sujeitos da pesquisa, mas em sua unanimidade envolve a necessidade de comunicação com os amigos e conhecidos. O uso divide-se entre o contato regular com os parceiros amorosos que se encontram distantes devido à suas próprias rotinas; com a família e amizades próximas que possuem menos oportunidades de encontro e conversa; ou para reatar amizades de longa data que se afastaram no decorrer do tempo ou mudaram-se para lugares distantes. As interações ocorridas no Facebook não são confinadas aos espaços da rede, muitas vezes são continuações ou prolongamentos de encontros ocorridos no dia a dia do usuário, interrompidas devido às urgências da rotina e dos compromissos, sendo posteriormente

retomadas no conforto do lar e da comunicação instantânea. O entrevistado A aponta expressamente como as experiências da faculdade são retomadas no uso da rede: “Até pra saber sobre assuntos da faculdade, tem alguns colegas de faculdade que discutem sobre esse tipo de assunto. Basicamente é isso, mas uma extensão das conversas que eu tenho aqui e em outros lugares.”. Desta forma pode-se perceber que a troca de mensagens pela rede existe também como forma de suprimir distâncias próximas e dar continuidade às interações rotineiras que fortalecem o sentimento de intimidade tão associado com as relações de amizade.

Deve-se evitar a redução da rede social Facebook ao sistema de comunicação direto através de troca de mensagens de texto, pois tal funcionalidade está disponível em inúmeros outros programas na Internet. O que diferencia esta plataforma de tantas outras do mercado esta na diversidade de formas de utilização para a comunicação, o que produz a sensação de proximidade entre os usuários, dificultando o distanciamento devido ao pouco contato físico entre as partes.

A frequente atualização das informações presentes na rede procura causar no usuário a sensação de dinamismo e atividade, dissimulando o isolamento presente na individualidade do uso do computador doméstico. A frenética renovação das páginas simula um impulso de vida e movimento, que assim como o mecanismo de notícias de última hora busca seduzir o usuário com a possibilidade de ficar atualizado de tudo que se passa na vida de seus amigos.

4.2. Outros atrativos no uso da Rede

Entre as outras motivações que levam os usuários a acessar a rede podemos observar o potencial midiático do Facebook na propagação de notícias através do efeito cascata dos compartilhamentos, e das postagens regulares de páginas. Polêmicas e notícias curiosas se espalham rapidamente através das interações, transformando a rede em um canal relevante de informação no plano local e global. Quase metade dos entrevistados realiza uma troca de informações acerca do ambiente universitário, com discussões sobre os assuntos estudados, provas marcadas, professores a se escolher e organização de trabalhos em equipe.

Além do caráter excepcional das notícias compartilhadas pelos usuários, existem também no Facebook páginas que publicam constantemente informações sobre um tópico específico, como um canal online de atualizações de um jornal, revista de fofoca, série de televisão, time de futebol, lançamentos de jogos ou qualquer outro tipo de rede de interesse. Estas páginas se constituem como uma fonte de novidades que motivam a utilização, como no caso do entrevistado C “Todo dia, uso para informações da bolsa de pesquisa, quanto do time de futebol, tem um clube do São Paulo que olho bastante [...]”.

Da mesma forma que as páginas de empresas divulgam suas atividades de forma midiática, existem também usuários da Rede Social que são em si figuras públicas, como políticos, artistas e professores de renome, que devido a seu papel na sociedade, exercem na rede uma função também de difusão de informações, seja como propaganda de um produto ou serviço, discurso opinativo sobre uma novidade de interesse ou militância a favor de uma causa mobilizadora. É frequente a ocorrência de debates através da rede, onde opiniões conflitantes são expostas por diversos usuários, que podem estar presentes no início de um tópico sugerido ou que são informados da discussão através da atualização das ações de seus amigos ou de marcações de seus nomes, tornando o debate mais abrangente em seu alcance a cada participação. É facilmente observável a presença destes espaços de discussão da sociedade, onde valores estão sendo propagados e questionados pelos usuários, que se apresentam de forma tanto complementar aos canais de mídia populares como também em caminho contrário, levantando críticas e expondo as construções ideológicas presentes nas notícias publicadas como pode ser notado na Figura 2.

Figura 2 – Crítica à revista de grande circulação



Fonte: Facebook, 2013.

No caso particular do universo desta pesquisa, que incluiu apenas estudantes universitários de Ciências Sociais, curso que possui em seus pressupostos a tradição da crítica e do debate, é perceptível maior recorrência de postagens relacionadas a questões referentes aos estudos do campo, como casos de violência, disputa política, luta por direitos de minorias e mudanças sociais. A entrevista B foi realizada com um estudante que participa ativamente de movimentos sociais, respondendo como uma das motivações para o uso da rede propósitos totalmente alinhados com este comprometimento, “Rapaz, disputa ideológica, no caso, agitação da organização que faço parte [...]”. É provável que existam diferentes tipos de usuários cujo padrão de utilização é baseado em sua origem socioeconômica e no campo de sua especialização acadêmica, existindo diversos tipos de interações fundamentadas nestas orientações.

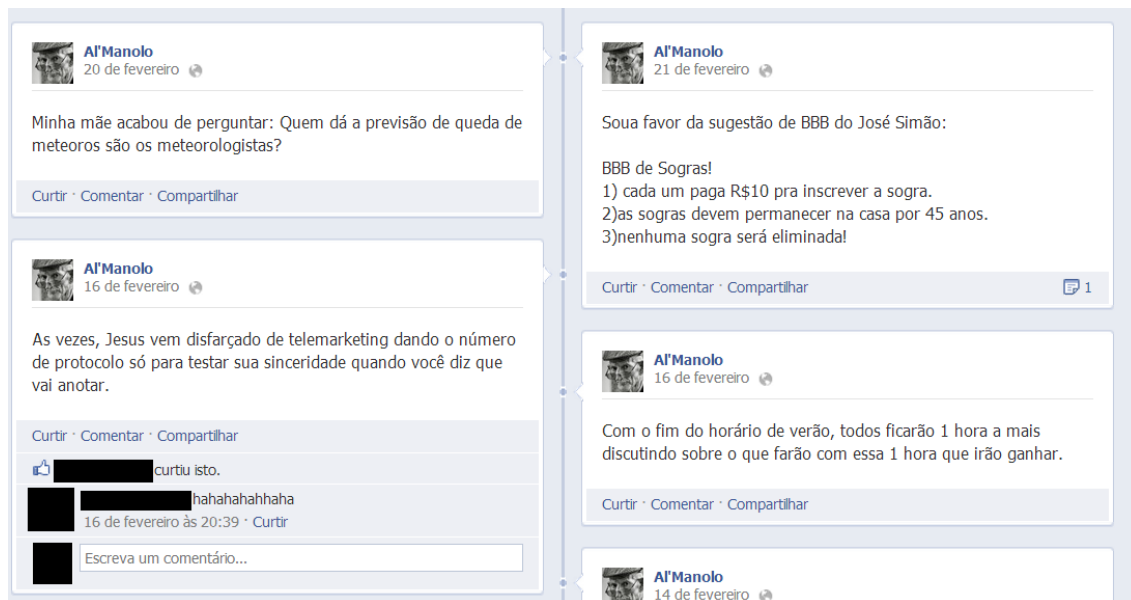
Entre os fatores também citados como motivadores do uso do Facebook, figura o humor e a diversão, como colocado pelo entrevistado E “É um método de distração, com certeza, como um lazer.”, sendo este um espaço de descontração do estudo e trabalho, onde é possível divertir-se com piadas e montagens compartilhadas por outros usuários ou visitar páginas específicas que são especializadas na produção de conteúdo

humorístico. O valor da rede como entretenimento está distribuído entre seus jogos sociais parcialmente gratuitos e a diversidade dos contatos estabelecidos pelo usuário, as páginas de humor que assina ou do perfil dos seus amigos que compartilham conteúdos.

O caso do entrevistado G é o mais significativo na questão do humor como motivador do uso do Facebook, que possuía o hábito de utilizar seu perfil para postar piadas e brincadeiras, mas que devido ao receio de que tal comportamento pudesse passar uma imagem negativa sobre sua pessoa para seus outros contatos, criou um perfil fictício para assumir este papel, como esta indicado na Figura 3.

“[...] a atualização deste fake foi por que eu estava postando muita coisa no meu mural próprio e estava ficando muito poluída, aí eu falei não, vamos deixar uma coisa mais séria, aí criei esse avatar, esse fake, do Al’Manolo pra colocar as coisas de humor, e normalmente todos meus amigos têm, sabem que sou eu, e sempre que tenho uma coisa de humor eu boto lá. [...] até ano passado estava bem, mas depois fiquei um pouco cansado disso, por que dá trabalho, nem todo dia você tem algo interessante pra falar, e não quero ser chato, ficar lá reclamando, então eu dei uma parada, deixei ele de férias, agora estou voltando, mas não sei tem uma coisa assim, depende do meu humor, as vezes quando tenho vontade de falar penso em botar lá no Manolo, mas as vezes acabo postando no meu mural mesmo.”.

Figura 3 – Perfil criado para fins humorísticos



Fonte: Facebook, 2013.

Pode-se observar através deste depoimento uma preocupação com a imagem constituída através das ações e posturas adotadas pelo indivíduo e apresentada aos outros usuários que compõem seus contatos. A presença de contatos profissionais e familiares entre a lista de amigos de um usuário restringe suas possibilidades de

atuação, constituindo este durante sua utilização da rede uma imagem pública em seu perfil que pode diferir de sua personalidade habitual entre amigos. A existência deste tipo de coerção social na rede sugere que as relações formais também se estendem para o âmbito virtual, sendo o espaço do perfil do usuário não um ambiente fechado e privativo, mas um espaço de visibilidade pública, onde uma imagem é construída pelo seu proprietário em suas interações. O entrevistado D afirma sua preocupação com a construção de uma imagem na rede, a qual deve estar alinhada com suas crenças e opiniões políticas:

“[...] eu penso isso como mais um espaço de sociabilidade, um espaço onde você precisa sustentar uma face, há diferentes palcos, a metáfora do teatro. Eu tento ali, sustentar a imagem de um intelectual, que é afinado com uma postura liberal, que tem um tipo de respeito a opinião do outro mas não deixa de ser crítico, e as vezes quando quero postar algo diferente disso eu me cobro, isso não sou eu, não posso fazer isso.”

Pode-se imaginar que a reação do entrevistado G ao criar um perfil de cunho apenas humorístico seja exagerada, desmedida ou desnecessária, mas os registros jornalísticos apontam para uma tendência recente em escândalos envolvendo a utilização das redes sociais acarretando implicações graves²¹. As experiências de interação social com a informática tem repetidamente demonstrado que as fronteiras entre os ambientes públicos e privados da vida de um indivíduo são mescladas de forma intensa, assim como a observação de Pontes & Cardoso (2004), de que a tecnologia torna-se integrada a nós mesmos, orientando socialmente nossa conduta estendendo-se aos meios de comunicação e à construção identitária.

4.3. Além dos contatos, os Amigos no Facebook

Os entrevistados possuíam contatos (“amigos” pela denominação utilizada pela rede) em números que alcançavam centenas, quantidade expressiva que dificilmente representariam o número de pessoas que algum indivíduo jamais consideraria como amizades reais em qualquer cenário imaginável. No entanto, esta vasta rede de conhecidos não está necessariamente desvinculada da vida cotidiana do usuário como uma multidão amorfa e distante, mas sim transita entre contatos mais e menos intensos, movidos ao sabor das intenções dos atores e circunstâncias externas.

Entre os integrantes dos contatos adicionados em uma Rede Social estão as pessoas com as quais o indivíduo convive em sua rotina de estudo e trabalho, além de

peças que conhece em eventos, situações de lazer e familiares próximos e distantes. Em alguns casos entre os contatos também figuram pessoas desconhecidas ao usuário, mas que foram incluídos através de alguma interação em discussões, jogos ou uma apresentação por meio de um intermediário. Mais da metade dos entrevistados, afirmaram que entre suas maiores amizades, algumas não possuem uma conta no Facebook. No entanto todos os entrevistados reconheceram que entre as amizades presentes nesta rede estava também a maioria de seus amigos mais próximos.

Podemos pensar a motivação para a separação entre os que possuem ou não acesso a rede segundo o ponto de vista de Sibilía (2008), que indica a distribuição desigual do acesso por faixa de renda e classe social no contexto nacional onde se situa sua pesquisa, incluindo também todos os fatores limitantes ligados a difusão da tecnologia em espaços de pouca urbanização e infraestrutura de comunicações. Outra possibilidade é a existência de casos de grande diferença entre a faixa etária dos amigos, criando um fator geracional que desmotiva a participação destes na rede social. Pode-se considerar, ainda, a hipótese da existência de algum desconforto no uso da ferramenta, independente da faixa etária ou do nível de renda, que leve a uma aversão ao uso da rede, o que foge aos objetivos do presente estudo. Isto, no entanto, iria em uma direção contrária às tendências atuais de exposição do eu.

A diferenciação entre amigos da vida real e amigos do Facebook não é total, existindo um intercâmbio entre ambos. No caso do entrevistado E, que é estudante fora de sua cidade natal, suas maiores amizades ficaram distanciadas devido a seus estudos, transformando suas relações interpessoais de proximidade em interações baseadas na distância cuja comunicação se dá por meio de ferramentas como a Internet.

“[...] a maioria dos meus amigos eu interajo mais no Facebook que na vida real, por que eu não sou daqui, eu moro aqui e meus amigos estão lá, inclusive tem uma que mora em outro país, aí o Facebook é um meio, parece contraditório, mas acaba me deixando mais próximo com estas amigas que moram longe.”.

Sevcenko (2001) aponta que em metrópoles de rápido crescimento a composição da população é principalmente de pessoas que vieram de fora. Neste cenário, apresenta-se como relevante o papel dos meios de comunicação para a continuidade de laços fortes construídos ao longo de um prolongado tempo de vida, afetados por uma separação geográfica devido a imperativos econômicos e sociais.

Por outro lado, é possível a formação de uma amizade no ambiente virtual da rede que se desenvolva gradualmente e seja concretizada em um encontro real e transformando-se em uma eventual convivência. Considerando-se a possibilidade de uma relação de amizade gerada na rede nunca vir a se transformar em um encontro físico e convivência, este fator não torna o vínculo menos verdadeiro ou relevante. O entrevistado D possui entre seus melhores amigos uma pessoa apresentada por intermédio de outro amigo, e que superou o primeiro no nível de proximidade e intimidade através das interações, sendo considerado ainda mais importante que o amigo intermediário.

“[...] um dos meus melhores amigos eu não conheço pessoalmente. Eu tenho um grande amigo que é de Lisboa, e aí ele veio fazer intercâmbio aqui, eu já conhecia ele antes, e aí me apresentou outro amigo dele que queria também vir pra cá também, e aí eu me tornei super amigo dele, mais que esse. Inclusive a gente estava discutindo sobre isso, a gente trava conversas que eu não tenho com pessoas que estão aqui do lado.”.

Tal como o exemplo acima indica, é possível construir fortes relações de amizade através do contato e compartilhamento possibilitado na rede. O entrevistado B em seu depoimento afirma possuir entre suas mais fortes amizades uma pessoa que conhece apenas pela rede e que não foi apresentada por terceiros, vínculo esse formado a partir de interesse em comum compartilhado durante uma discussão: “[...] um menino de São Paulo, nos conhecemos por causa de uma banda [...] eu não conhece ele pessoalmente, mas é um dos meus melhores amigos [...]”. O entrevistado C também experienciou uma situação semelhante de construção de intimidade através da rede, mas no seu caso existe um amigo em comum entre as duas partes, ainda que tenha sido alegado não ter ocorrido qualquer tipo de apresentação:

“[...] tem uma menina de Recife, que até hoje nunca vi, amigaça de ficar trocando conversa, conselho e coisa do tipo. Eu conheci no msn, do nada o email dela apareceu e aí aceitei achando que era alguém que eu conhecia, ela disse que eu adicionei ela, mas eu sei que eu não adicionei e descobrimos que tínhamos um amigo em comum, um primo meu, mas começou no msn, no Facebook é só a continuação.”.

O caminho contrário, o de um grande amigo que se torna apenas mais um contato no Facebook devido ao distanciamento emocional, e não apenas físico é igualmente possível em um cenário de mudança de interesses e afastamento geográfico. No entanto, quando questionados sobre a utilização da rede para retomar contatos perdidos pela distância, apenas um entrevistado negou a utilização com este intuito,

enquanto todos os outros afirmam que esta se torna importante como forma de resgatar seus relacionamentos do passado. Como aponta o entrevistado B, a rede possibilita uma atualização e aproximação de amigos distantes: “[...] tem gente da escola, do ensino médio, marcando para se encontrar na praia e tal, tem muita gente que eu conheci, amigas minhas que tiveram filhas e casaram, é legal isso.”.

A despeito da validade da nomeação “amigos” utilizada pelo Facebook, os contatos adicionados nos perfis dos entrevistados eram em sua maioria diretamente relacionados a seus ciclos de convivência diária, com a exceção mais marcante do entrevistado B devido à seu papel de militância em movimentos sociais, que o levou a possuir uma rede de contatos mais diversa. O próprio Facebook possui uma ferramenta de sugestão de amizades, que busca através do número de contatos em comum um usuário que apresente maior probabilidade de conhecer o dono do perfil. No entanto, todos os entrevistados não acreditavam que as sugestões eram válidas, apresentando em sua maioria pessoas desconhecidas, nunca vistas antes e sem nenhuma relação direta com os usuários, evidenciando assim que o número de aspectos em comum em uma rede de amizades não implica maior probabilidade de conhecimento mútuo. Segundo o entrevistado B, as amizades em comum servem de base para recordação e como uma forma de validação de um pedido de amizade de um terceiro.

Existe, portanto, a possibilidade da existência de uma diferenciação mínima em níveis de amizade, foi feita a transposição deste conceito para o Facebook através da ferramenta de categorização das amizades que separa os contatos em categorias como “melhores amigos”, “conhecidos”, “Faculdade”. Estes e tantos outros rótulos que servem para o controle do acesso de seus contatos a sua página, regulam assim a assinatura de recebimento de atualizações, permitindo-lhe a criação de novas categorias e denominações.

Entre os entrevistados, a apropriação da ferramenta se dá de maneiras diferentes. A maioria destes não faz uso frequente dela e sua importância e relevância são reduzidas na experiência da rede social. O entrevistado G a utiliza apenas para controlar o acesso às suas informações, dividindo os contatos entre “amigos” e “conhecidos”, vedando o acesso a grande maioria de suas atividades aos segundos. A única categoria utilizada com maior recorrência é a de “melhores amigos”, e ainda

assim não necessariamente para expressar o grau de amizade, mas para ativar o recebimento completo das atualizações de pessoas de maior interesse. Um caso peculiar é a aplicação deste rótulo entre namorados; os entrevistados E e C afirmaram que ele serve como uma forma de aproximação e em algum grau também de vigilância do comportamento entre as partes.

O entrevistado D apresentou uma visão diferenciada da interação com os marcadores na rede, observando estes como limitadores da experiência e cerceadores da interação com outros usuários, realizando uma seleção artificial do conteúdo com o qual é possível atuar, corroborando a visão de Silveira (2004) sobre a possibilidade de um selecionamento rigoroso das interações nas relações de amizades na rede.

“No início eu colocava, a estrelinha dos amigos ou dos conhecidos, mas eu vi que o Facebook tem uma coisa interessante, que ele te possibilita a entrar em um tipo de rede específico que você pode ampliar ou reduzir baseado no seu interesse ou não. Se você quer só seus melhores amigos, de toda sua lista, de seu círculo. Quando estava restrito aos melhores amigos perdia a graça, por que criava uma previsibilidade, que você já conhecia. Eu acho legal ver uma postagem de uma menina que eu não vejo há muito tempo, três quatro anos atrás.”.

Entretanto é importante perceber que não há salvaguarda total da interação na rede. O não recebimento de atualizações ou bloqueio de um contato específico não isola o usuário das interações através de terceiros. Em discussões criadas através de postagens de seus conhecidos é possível conversar com pessoas que são amigas de seus amigos e até mesmo os amigos deste outro amigo, realizando o efeito cascata de forma semelhante aos compartilhamentos. Possibilidade semelhante existe nas páginas e grupos de discussão, onde diversas pessoas podem estar reunidas em debates sobre um mesmo tópico.

É fundamentalmente através das interações que se constrói o espaço de sociabilidade. Dentro ou fora da rede, quanto mais possibilidades de contato e troca um local estimule, maior é o papel social que este ambiente pode exercer sobre seus frequentadores, sendo um fator determinante na construção de vínculos significativos entre estes. Pode-se considerar a amizade como o conceito central na rede social Facebook ainda que seus usuários não utilizem as ferramentas de categorização uniformemente ou até mesmo as ignorem, pois a própria interação entre estes com o site permite uma identificação e direcionamento da lógica de funcionamento que está

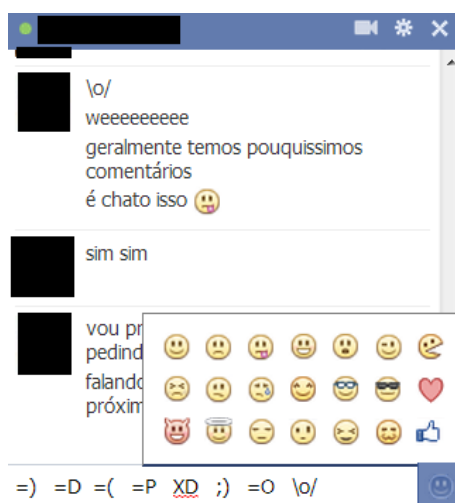
inerentemente ligada à concepção de rede social como relações de intimidade entre atores.

4.4. Interações, relacionando-se na rede.

Entre as características pelas quais se consolidam as relações de amizade, pressupõe-se um conjunto de comportamentos ligados à presença física e a convivência, que possibilitam o desenvolvimento de uma intimidade entre dois sujeitos. Em um contexto de distância e na presença de um meio de comunicação capaz de construir pontes entres indivíduos, é preciso se pensar quais são os tipos principais de interação possibilitadas pela rede.

Diferentemente de sistemas baseados em um único tipo de comunicação como o telefone com sua base no som e a carta com sua base na escrita, a internet se define por uma ampla gama de recursos, que incluem música, vídeo, imagem, som, escrita e o uso dos mais diversos símbolos chamados de *emoticons*²², mostrados na Figura 5, além de ferramentas dotadas de significado como o “Curtir” e “Compartilhar”. O escopo de formas de expressão possibilitadas a um indivíduo deve alterar consideravelmente sua relação com a ferramenta e sua capacidade de desenvolver relações através desta.

Figura 5 – Utilização de linguagem simbólica na rede



Fonte: Facebook, 2013.

No presente estudo pôde-se constatar que a principal via de comunicação entre os entrevistados na utilização do Facebook é o “chat”, sistema de troca de mensagens escritas, com uso frequente de *emoticons*. Esta linguagem visual de base simbólica é

utilizada para expressão emotiva e aponta para a possibilidade da existência de um teor de intimidade nas conversas por textos realizadas através das redes. Enquanto recurso de mensagens instantâneas é utilizado de forma a produzir conversas diretas, que em geral possuem baixo tempo de resposta e se caracterizam por uma comunicação mais pessoal e privativa. O entrevistado G aponta como o sistema de chat é utilizado com amigos próximos com mais frequência do que em relação aos outros contatos:

“O Facebook proporciona conversar com pessoas que você não conhece pessoalmente, conversar, começar uma amizade, mas ainda creio que a apresentação pessoal tá em primeiro lugar, nem todo mundo que é sugerido, que tá lá. Por exemplo, eu tenho duzentos e poucos amigos adicionados, mas só falo diariamente com um ciclo pequeno.”.

O entrevistado F também argumenta de forma semelhante: “pra mim pouco, geralmente eu converso mais com quem eu já converso, não converso muito com quem não conheço”. No entanto, o entrevistado E caminha no sentido oposto, colocando que a rede proporciona justamente conversas não habituais, pois devido a sua natureza tímida, este raramente aproveita as oportunidades de comunicação habituais: “[...] com relação a conversar com uma pessoa, criar um vínculo maior, no caso de você e outras pessoas aqui na faculdade, se não fosse pelo Facebook, seria uma relação mais distante [...]”. Já o entrevistado A ressalta que seu relacionamento atual só foi possibilitado pela rede: “[...] não sei se chegaria até a conhecer, mas manter o tipo de relação, de conversa de contato até ter a oportunidade do face a face, sem a internet seria impossível”.

Além desta forma de interação, é também recorrente o compartilhamento de fotos entre os grupos de amigos, onde um sistema de marcação confere a possibilidade ao usuário de avisar às pessoas selecionadas de que há uma foto sua nova na rede, permitindo que festas e eventos sociais sejam memorados através de uma forma coletiva de exibição das imagens. As fotos colocadas na rede são frequentemente do próprio usuário, de parentes ou amigos, mas também podem apresentar lugares, comidas e paisagens²³.

Entre outros recursos que também foram apontados como formas de interação destacam-se as discussões geradas por postagens em grupos, que se apresentam como espaços de expressão e desenvolvimento de relações. Os entrevistados B, D e G, declararam que desenvolveram amizades a partir deste meio. As postagens podem abordar assuntos em comum que surgiram no ambiente de convivência, serem

simplesmente comentários sobre o mundo, a cidade e as notícias mais recentes, ou ter um teor de cunho humorístico, conforme é demonstrado na Figura 6, sendo todas estas conversas frequentemente acompanhadas de imagens ou vídeos ilustrativos.

Figura 6 – Interação humorística de base no cotidiano



Fonte: Facebook, 2013.

Pode-se observar na Figura 6 como uma postagem de cunho humorístico se desenvolve em uma conversa dinâmica com diversos atores. Este tipo de interação se repete em diversos espaços e com inúmeras temáticas, figurando nas palavras do entrevistado D como uma possibilidade de expandir seus círculos de amizade: “[...] eu queria expressar minha opinião, que outros me conhecessem, depois desses debates muitos vieram me procurar para dizer que gostaram do que eu disse, fiz novos contatos, novas amizades a partir daquela expressão.” Os entrevistados B, D e G participam de discussões com frequência, sendo os entrevistados D e B testemunhos de que estes espaços podem gerar novas relações de amizade.

As interações humorísticas que ocorrem nos murais são normalmente distinguíveis dos relatos dos usuários. De acordo com o entrevistado G, estes outros relatos geralmente se caracterizam por exibir acontecimentos do dia a dia, problemas,

dificuldades e conquistas. Nas palavras da entrevistada E: “[...] é um meio de representação social, a pessoa se representa, então a pessoa vai buscar o que acha que é melhor de si, ninguém vai falar mal de si mesmo [...]”. Visão compartilhada também pelo entrevistado D, que observa uma verdadeira construção teatral na postura dos usuários em seus murais: “[...] ali as pessoas querem mostrar algo que, sempre possa valorizar seus dramas, mas também o que é você mesmo sem esses exageros?”. Já o entrevistado C acredita que na rede existe uma tentativa explícita de convencimento e decepção: “[...] tem gente que publica coisas que não interessa a ela só para mostrar que tem interesse por alguma coisa [...] algumas pessoas depois de adicionar os professores começam a mudar o vocabulário, o tipo de postagem.”.

Além da interação situada nos murais baseadas na escrita, pode-se considerar que os botões “Curtir” e “Compartilhar” são também formas diferenciadas de comunicação, possuindo um significado determinado pela rede, mas também uma utilização apropriada pelo usuário. O entrevistado D relatou seu desconforto na utilização destas funcionalidades e a significação que ele imbuí nestes recursos.

“Às vezes eu me sinto coagido a não curtir por que não temos mais contatos, você não trava contato durante muito tempo, vai curtindo menos as atualizações mesmo sem deixar de gostar, é uma coisa louca isso. No meu caso o curtir indica uma proximidade, outra coisa também é quando a pessoa curte a minha postagem eu me sinto obrigado a curtir uma dela, a velha questão do kula, de uma retribuição, às vezes eu posso nunca ter curtido uma atualização de alguém, ela curte a minha eu curto a dela.”.

O hábito do entrevistado de retribuição, no entanto, se limita ao que ele considera uma ação qualificada, quando o usuário que ofereceu o “Curtir” o fez de forma plena, não simplesmente automática: “[...] tem gente que é clássico, que curte qualquer besteirinha que eu coloco, é impressionante.”. Esta simbolização conferida ao botão “Curtir” não se estende ao “Compartilhar” segundo o entrevistado D, pois ele acredita que é um ato de maior exposição e comprometimento: “[...] ali é um palco pra você se expor, mas você tem que estar preparado para expor o que você está pronto pra dar conta [...]”.

Entre os possíveis significados para a ferramenta “Curtir” estariam a aprovação do conteúdo da mensagem, a aprovação da veiculação da informação, uma sinalização de que foi feita a leitura, uma forma de conferir visibilidade do argumento para seus contatos ou um ato social de identificação com um coletivo (muitos curtiram, vou curtir

também). O “Compartilhar” permite menos interpretações, limitando-se normalmente à reprodução da mensagem somada a um argumento pessoal, podendo ser aplicada de forma alinhada com a original ou crítica de seu conteúdo.

Desse modo, o Facebook configura-se como um espaço que multiplica as possibilidades de interação entre seus usuários, utilizando-se de diferentes espaços de encontro e ferramentas de comunicação variadas que proporcionam maior identificação entre os interlocutores, criando oportunidades de aproximação e aprofundamento dos relacionamentos.

4.5. Conflitos no Facebook

Como todo relacionamento humano, a rede social Facebook pode ser o âmbito de conflitos, mas devido as suas particularidades, a ferramenta privilegia os embates relacionados à liberdade de expressão. Os entrevistados F, E, D, C, já passaram por brigas devido ao uso da rede, sendo metade delas relacionadas ao companheiro e o restante em relação a familiares e amigos.

De modo geral, as brigas têm sua origem na interpretação da ação de um dos usuários, o que se torna a prerrogativa para o julgamento de sua conduta e moral. Os comentários tornam-se um espaço público de exposição da opinião e, portanto, suscetíveis ao crivo de outros usuários, gerando discussões que podem acarretar as mais variadas implicações. No caso do entrevistado C, uma opinião política expressa na rede resultou em um desentendimento com um parente próximo, gerando assim um problema familiar, pois o parente acionou a família como um mecanismo de censura e retificação:

“[...] tenho uma tia que é religiosa, adventista ou batista, aí postei uma sátira que fizeram com a moeda, o estado é laico, não devia ter Deus é fiel e não sei o que. Aí ela postou lá “A não, Deus não precisa disso pra se promover, nós sabemos que Deus é grande, você deveria ter visto isso”, mas eu tava só falando que o estado é laico, isso aí não devia estar na moeda, “a não, você deveria ter visto isso, você tá errado e não sei o que”, já tive briga na família por causa disso, de minha tia acabar ligando para minha mãe para reclamar do que eu estou postando na internet.”.

Pode-se observar neste depoimento que a rede se configura como um terreno fértil para divergências de cunho ideológico e religioso, possibilitando inúmeros pontos de contato e exposição que podem gerar embates entre usuários que adotam diferentes crenças. Da mesma forma, o entrevistado D afirma que perdeu algumas amizades

devido a suas opiniões fortes sobre temas que acabaram conduzindo a discussões agitadas que impossibilitaram a convivência harmônica pré-existente. É interessante considerar que as relações de amizade cujo contato é pessoal e direto, também estão sujeitas a conversas e desentendimentos relacionados à orientação ideológica, mas no caso da rede social, é menos provável o controle sobre a abrangência da discussão, já que é incomum que os usuários mantenham um controle ativo e constante das suas interações.

O mesmo entrevistado C que foi repreendido durante a expressão de sua opinião, também exerceu o papel de censor em relação a outro caso em sua família, onde um membro menor de idade que possuía um perfil na rede, e estava publicando conteúdos inapropriados em sua página.

“[...] o Facebook coloca que você tem que ter dezoito anos, mas não são todos que tem, minha prima, ela tem 11 e já tem uma conta dizendo que tem 18 por que não tem nenhuma coisa que faça provar sua idade. E está a menina postando lá um monte de piadas, até coisas obscenas, aí eu tive de falar “minha tia, olha o que sua filha tá postando na rede social, que não é um comportamento...”.

Pode-se observar que o comportamento apresentado na rede também está sujeito a certas regras sociais de convivência, não se configurando como um universo à parte. A postura apresentada por um usuário resulta em inúmeras implicações, que podem ser expressas através de reclamações, insultos, alertas ou simplesmente o bloqueio deste através de filtros para as mensagens, que permitem a restrição da visibilidade e acesso das ações de um membro da rede.

No que tange ao uso dessas restrições, apenas os entrevistados B e E nunca fizeram a utilização de filtros para limitar a interação com seus contatos. Os entrevistados A, F e G os utilizam somente em casos singulares. Contudo, para os sujeitos D e C trata-se de um comportamento recorrente, aplicado principalmente a contatos que possuem opiniões bem diversas das suas, expressas na forma de um senso de humor ofensivo, replicação de notícias de fontes altamente enviesadas ou até convicções religiosas. O entrevistado F pronunciou-se a respeito desta questão da seguinte maneira:

“Eu cancelei as atualizações de uma pessoa só. Ele escreveu algumas coisas que me irritavam, que eu não concordava, aí eu ia brigar, então pra evitar brigar, pra evitar ler, aí eu cancelei, pra não criar atrito sem necessidade. É uma pessoa que é amiga minha. Não é amigo, amigo, mas é um amigo, criar

um atrito sem necessidade por causa de opinião, que eu não gosto. Eu preferi não ler mais as opiniões dele, agora tá tudo tranquilo, não brigo mais. Mas não vejo ele no dia a dia, e quando estamos juntos os assuntos não são os mesmos....”.

Por sua vez, o entrevistado C ressaltou que utiliza a ferramenta de filtragem das postagens de seus contatos especialmente em determinadas épocas de movimentação política, onde devido aos esforços de campanha, seu mural acaba sendo poluído por debates, propagandas e convites. No entanto, a reprovação deste tipo de comportamento em terceiros não implica que o próprio usuário não se comporte da mesma maneira quando em seu próprio interesse:

“Tem um pessoal que é realmente chato, época de eleição você acaba excluindo muita gente, época de eleição de centro acadêmico aqui você exclui mais gente ainda, muitos militantes ficam falando de partido político e você nem sempre tá com paciência pra ver isso, outros te enchem o saco na sua caixa de mensagem, na janela de bate papo pra ficar falando de política.”

A filtragem das mensagens também aparece na fala do entrevistado C como uma medida controladora do nível de preocupação do usuário com seus contatos: “[...] se tiver algum grau de amizade, eu filtro e depois boto pra voltar ao normal, se for outra pessoa que faz a mesma faculdade, mas não tenho contato pessoalmente aí eu tiro.”

Entre os entrevistados, as exclusões de adicionados (remoção do contato, traduzida pela rede como desfazer amizade) é um evento com diferentes significados, tendo acontecido entre os entrevistados A, B, C e D de forma mais frequente como um meio de afastamento de pessoas apenas conhecidas, de pouca intimidade, cuja presença é indesejada e não se procura maior contato. No entanto, nenhum dos entrevistados afirmou que entre os removidos estava alguma amizade real ou que por algum motivo removeria os mesmos de suas listas. Os entrevistados F e E nunca removeram nenhum dos seus contatos.

É relevante também o depoimento do entrevistado C, que removeu contatos devido à conflitos com sua companheira, que apresentava ciúmes de suas interações: “[...] algumas também por pressão de namorada você acaba excluindo. [...] tinha uma menina que estava passando por uns problemas e ficava postando coisa no meu mural, minha namorada se retou e acabei tirando ela pra não criar problema”. De modo idêntico, a entrevistada F parece adotar um comportamento preventivo no sentido de evitar a ocorrência de maiores desgastes no âmbito de suas relações afetivas.

Desse modo, o Facebook pode ser visto como um vetor de conflitos, devido à exposição que proporciona ou por conta do maior contato que promove entre pessoas que de outra forma teriam sua interação limitada. No entanto, esta ferramenta também pode construir pontes favoráveis ao desenvolvimento de processos de construção de relações de amizade.

Entre os mecanismos que possibilitam uma aproximação entre os usuários estão o calendário, que entre suas funções, possui um alerta da data de aniversário de cada contato registrado com antecedência e também no dia em que ocorre, permitindo a realização de interações sociais baseadas neste tipo de congratulação. A mesma ferramenta permite também a marcação de eventos e o convite de seus contatos para participação, servindo como um meio alternativo de convite para shows, mostras, reuniões, festas e outras formas de interações sociais, que contribuem para reforçar as relações de amizade. O entrevistado G aponta que geralmente há uma coincidência entre os eventos divulgados na rede e aqueles que acontecem em sua vida diária:

“Normalmente quando recebo solicitação, são poucos os eventos em que eu vou, tenho que me interessar muito, festas e tal, eu não vou normalmente. Já fui pra aniversário, palestra, que só recebi por lá o convite. Eles normalmente coincidem com eventos que eu já seria chamado.”

Por sua vez, o entrevistado E afirma que já esteve presente em vários eventos cujo convite foi efetuado através do Facebook, mas que de forma geral não acredita que é uma forma de se criar uma relação de intimidade. Já o entrevistado C admite que a rede é extremamente útil para desenvolver relações de intimidade, mas nunca a utilizou desta forma. Relata que amigos usam as ferramentas como forma de iniciar um flerte “[...] no meu caso não, mas tenho amigos que falam: tenho interesse naquela menina, vou adicionar pra falar com ela, quero chegar naquela menina, vou usar o Facebook pra isso.” A apropriação da ferramenta como intermediária em um jogo amoroso é citada também pelo entrevistado A, que conheceu a sua parceira através de uma amiga na rede, apontando para um potencial relevante nas relações sociais iniciadas online e transferidas para o plano da materialidade.

O entrevistado C, no entanto, ratifica o caráter ilusório de participação dos eventos noticiados na rede, que aparentam poder contar com ampla participação e apoio quando divulgados, mas que efetivamente são esvaziados, sugerindo uma facilidade de

comprometer-se e ausentar-se diante do distanciamento proporcionado pelo espaço eletrônico.

“[...] Recebo muitos convites, revolta do buzu, essas coisas, faço eventos também, meu aniversário, aí chamo o pessoal e a galera aparece, é mais fácil que ficar ligando ou mandar convite para casa ou sms pro celular, acho que é mais rápido por lá. A maioria dos eventos promove bem, mas depende do nível de mobilização, para o evento que você tá chamando e quem você tá chamando. Já vi assembleia daqui com mil pessoas convidadas, novecentas dizem que vão aparecer e só quatro estão realmente lá.”

Pelo exposto, verifica-se, portanto, que a maioria dos estudantes entrevistados afirma ter vivenciado encontros, participado de conversas e conhecido pessoas através da rede. Apesar disso, reconhecem que a frequência de comparecimento das pessoas convidadas para os encontros é mínima em relação ao número de convites efetuados, sugerindo pouco envolvimento.

A relativa facilidade de atuação e movimentação na rede é aspecto motivador para a existência de inúmeras formas de organização, baseadas em ações desenvolvidas em prol de uma causa em comum. Os entrevistados B e C são engajados em comunidades de interesse na rede, sendo o primeiro devido à militância política e o segundo por admiração a um esporte. No entanto, os tipos de agrupamento variam intensamente, existindo grupos dedicados à defesa de alguma noção de justiça social, enquanto outros são construídos apenas para antagonizar de forma agressiva ideias, pessoas ou coletivos.

As formas de apologia à intolerância e ódio, por exemplo, são frequentes nos espaços virtuais de sociabilização, onde o aparente distanciamento e anonimato geram uma percepção de impunidade e inconsequência do autor das mensagens. Já existem estudos abordando a capacidade destrutiva da ação organizada de perseguição nas redes sociais, em especial no caso de violência ligada às escolas, onde os praticantes do bullying utilizam os recursos tecnológicos com o intuito de constranger, humilhar e maltratar suas vítimas (SILVA, 2010). A autora afirma que a principal característica incentivadora das redes sociais é a possibilidade do anonimato:

“Valendo-se do anonimato os bullies virtuais inventam mentiras, espalham rumores, boatos depreciativos e insultos sobre outros estudantes, os familiares desses e até mesmo professores e outros profissionais da escola. Todos podem se tornar vítimas de um bombardeio maciço de ofensas, que se multiplicam e se intensificam de forma veloz e instantânea, quando disparadas via celular (torpedos) e internet. [...] Não há qualquer

possibilidade de sair ileso dessas situações. As consequências psicológicas para essas vítimas são incalculáveis e, muitas vezes, chegam a atingir os familiares ou amigos mais próximos.” (SILVA, 2010, p.127-128).

As facilidades apresentadas pela rede são percebidas pela autora como encorajadoras do comportamento violento, fornecendo todos os recursos necessários à eficácia da violência e simultaneamente protegendo o agressor de uma possível punição.

Demonstrações de ódio, xenofobia, homofobia, racismo e outras práticas conflitivas são facilmente encontradas no Facebook, frequentemente possuindo mais apoiadores do que os movimentos sociais ou de conscientização. Pode-se observar na Figura 7 um exemplo de apologia ao ódio no caso de torcidas organizadas.

Figura 7 – Grupo de antagonismo baseado no conflito



Fonte: Facebook, 2013.

Contudo, a ferramenta também é apropriada para fins políticos, sendo utilizada para obter maior participação nas decisões governamentais, como a produção de abaixo assinados, organização de manifestações, crítica de ações das forças policiais, divulgação de documentos em vídeo e outros meios de militância e resistência de movimentos sociais, tal como é mostrado na Figura 8. Neste caso pode-se observar um forte potencial de coesão social e organização popular na rede social.

Figura 8 – Perfil de Movimento Social



Fonte: Facebook, 2013.

Deve-se ponderar, no entanto, que o potencial de mobilização que a rede aparenta possuir para estes fins, nem sempre se concretiza de forma equivalente ao que é demonstrado no espaço virtual, quando se trata de manifestações públicas de movimentos sociais e políticos, que contam com um número de pessoas bem menor do que as que se declararam dispostas a participar.

4.6. Afinal, o que é amizade?

Para a definição do conceito de amizade os estudantes entrevistados salientaram inicialmente a importância do compartilhamento, da confiança, da intimidade e da espontaneidade enquanto dimensões essenciais para sua construção dessa relação afetiva. Em seguida, destacaram a necessidade de sua contextualização como meio de caracterizá-la de forma subjetiva. No entanto, a utilização destes aspectos para a definição do que é amizade, apresentou extrema variação. Isto leva a crer que tais dimensões podem ser pensadas como indicadores de comportamentos esperados em uma relação de amizade, embora individualmente não sejam suficientes para a categorização desse relacionamento.

O entendimento do entrevistado A relativiza o conceito de amizade, transformando-o em algo pessoal. Sua compreensão baseia-se em uma percepção da

amizade como uma relação que possui uma intimidade calcada na possibilidade de abertura e expressão verdadeira.

“Eu acho a amizade um pouco complicado, cada um tem seus valores, mas eu acho que é muito mais do que simplesmente o contato. Quando você começa a compartilhar certas coisas com o indivíduo, começa a ser mais íntimo, isso pode chamar de amizade. Você tem os contatos [no Facebook], mas amizade não. Você fica amigo muito mais fácil aqui do que em outros países. Sua individualidade, seu eu, você mostra bem mais aqui, principalmente nas redes sociais, que você posta bem mais sobre si, como você tá, o que você tá sentindo. Você tem uma exposição maior de você mesmo pra os outros, até desnecessária.”

Já o entrevistado B tem sua construção simbólica da amizade intimamente ligada ao seu engajamento ideológico militante, associando-a a valores como lealdade, dedicação e compromisso. Além desta concepção também são incorporados aspectos relativo ao compartilhamento de experiências e confiança entre as partes, como explicitado em sua resposta: “[...] uma amizade pra mim seria uma relação de confiança, principalmente confiança, e compromisso também, essas duas coisas, compromisso de dedicação, lealdade, compartilhamento de problemas e alegrias [...]”.

Partindo de uma experiência concreta no seio familiar, o entrevistado C associa as qualidades experimentadas em seu lar com a amizade. Neste caso é conferido a estas relações um caráter também de responsabilidade e presença.

“Rapaz, meus amigos verdadeiros, que tão pra toda hora são a família, que a gente escolheu, é você estar disponível pra outra pessoa e ela pra você, pra juntos resolver problemas, desabafar, superar obstáculos, sempre um ajudar o outro, alertando o outro, mesmo que seja duro, você tem que ser duro as vezes com a pessoa, “não você tá fazendo isso errado tem que abrir o olho”. Pra mim amizade é isso, você tá o tempo todo incentivando o que ela tá fazendo de certo, seguindo ela pra ela fazer o certo. É aquele que chama de pau pra toda obra. [...] nem todos estão com você quando você precisa.[...] Têm outras crises piores durante a vida, que são poucos os amigos que estão lá, por que quando é família eles olham pra você pensam é do meu sangue, vou ajudar [...] Mas que não sejam da família mesmo tenho pouco, dá pra contar no dedo, tem até o pessoal que você considera amigo de verdade e ele também te considera mas vocês não tem tempo pra estar junto. [...]”

Por sua vez, o entrevistado D adota uma postura diferenciada de todos os outros usuários em sua resposta, associando a amizade à liberdade. Compreende que o indivíduo é responsável pela escolha de suas amizades, sendo livre para selecionar o perfil de pessoa que lhe interessa estar próximo. No entanto o conceito de liberdade é ainda empregado de outra forma, adotando um significado associado à possibilidade de franqueza entre as partes sem receio de represália.

“Uma relação espontânea é a coisa mais libertária que existe, a amizade, ninguém é amigo do outro obrigado, você pode ser filho de seu pai obrigado, ser pai de seu filho obrigado, pode ter um professor obrigado, são relações que não dependem da vontade, mas amizade não, eu não acho que existam falsos amigos, se você é amigo há um vínculo ali que você consegue ter, eu vejo a amizade como isso, a mais nobre relação libertária, de liberdade associativa. O Facebook, essas redes te permitem isso também, você entrar em relações que não são contingenciadas como coisas assim. O Facebook te permite ver que a relação de amizade não está presa a nenhum tipo de materialidade, ela se apropria de materialidades, mas não é restrita. Aquele que aos meus olhos tem liberdade pra me criticar, exatamente isso, por que com essas pessoas eu consigo aceitar críticas, por à prova, ao exame crítico minha própria ação, coisa que de outra forma eu não faria, de modo algum.”.

Ao localizar temporalmente suas amizades na infância, qualificando-as como duradouras e intensas, o entrevistado E atribui uma forte conotação processual a este vínculo, construído através de confiança mútua que perdura infinitamente.

“Eu posso dizer assim, que as minhas amizades, eu tenho poucas amigas de verdade, as que eu tenho são antigas e cada uma foi pra um lado. Pra mim amizade é aquela que é sempre a mesma independente de tempo e distância, no caso do Facebook, colabora pra gente manter o contato, mas sempre que dá nós nos vemos. Eu tenho muitos colegas, muitos conhecidos, mas amigos mesmo são aqueles que posso confiar e eu tenho já de algum tempo, sabe? Nem sempre o tempo de convivência também, mas a confiança, se você confia em alguém você já construiu um laço.

O entrevistado F utiliza um critério semelhante no que tange ao aspecto temporal, entendo que uma convivência duradoura é necessária para uma pessoa incluída entre suas amizades. Este critério também é completado por outro aspecto ligado à personalidade dos envolvidos, que constroem uma confiança para a expressão do eu verdadeiro, assim como o caso do entrevistado A.

“Não é todo mundo que tá no Facebook que é meu amigo, são colegas, pessoas conhecidas, mas eu considero que eu tenho poucos amigos, são as pessoas que são mais próximas de mim, tenho que conhecer por um tempo, geralmente não considero amigo quem conheço a pouco tempo, sou de parar pra analisar. Não é uma questão de proximidade, tenho amigos excelentes que não vejo sempre, e ultimamente tem sido muito difícil isso, na correria do dia a dia, mas que quando eu encontro não parece que teve este intervalos, são presentes mesmo sem estar presente fisicamente, que eu penso, que eu me lembro. Tem pessoas que não são amigas que eu gosto muito, que gosto de conversar, normalmente com meus amigos eu falo mais de mim e de outras coisas que de outra forma eu não falaria, tem pessoas que me deixam mais a vontade pra falar e não é todo mundo que me deixa assim. Talvez existam graus de amizade, tem pessoas que são meus amigos, mas não no mesmo grau.”.

Com uma percepção também diferenciada dos demais, o entrevistado G amplia o escopo das relações de amizade ao relativizá-la em inúmeros graus, particularizando cada caso. No entanto, mesmo diante de uma concepção abrangente, a formação dos

laços obedece a critérios semelhantes aos enunciados por outros entrevistados, tais como os de convivência e intimidade.

“Uma relação de companheirismo que você tem com uma pessoa, eu imagino que existem vários graus de amizade com uma pessoa, você tem uma amizade cotidiana que você convive com uma pessoa em um grau menor até os graus maiores de pessoas que convivem com você e sabem da sua vida. Mas eu configuro como amizade qualquer relação saudável que você tenha com uma pessoa, o que vai diferenciar são os vários níveis de intimidade, o quão bem você conhece ela, o grau de formalidade.”.

Nenhum dos entrevistados mencionou a distância como fator capaz de cessar as relações de amizade, evidenciando pelo contrário, casos onde nunca houve um encontro real entre as partes envolvidas no relacionamento. No entanto, os entrevistados E e F apontaram a necessidade de grande esforço e de tempo para a construção inicial de uma amizade.

Por outro lado, no depoimento do entrevistado G é perceptível a flexibilização do conceito de amizade proposta por Giddens (1991), que aponta as inúmeras gradações existentes na definição de um conhecido como amigo. Também foi possível verificar entre todos os entrevistados a crença na possibilidade da criação e manutenção de relações de amizade mesmo em situações de distância, assim como a visão do referido teórico. Tal como o entrevistado C que destacou a importância da franqueza e dureza como orientadora da conduta de um amigo, nenhum dos entrevistados descartou a importância da sinceridade, que segundo Giddens (1991) seria eventualmente substituída pela autenticidade nas relações de amizade modernas.

Todos os entrevistados manifestaram sua concordância quanto ao aspecto abordado por Souza & Hutz (2008) referente à necessidade da confiança, enquanto uma dimensão capaz de estabelecer uma relação aberta de intimidade. Não foi mencionado nenhum critério relativo à aparência, habilidade social, responsividade, timidez ou similaridade entre os entrevistados como forma de seleção de suas amizades, embora não se possa descartar a possibilidade destes fatores influenciarem de modo inconsciente a formação de relações afetivas.

Com base nos dados coletados através das entrevistas é possível aferir que as definições de amizades, mesmo em um universo restrito e em localização geográfica, física e cultural pouco diversa, apresentam certa variação. Pode-se também cogitar que

certos valores e qualidades comumente esperados nas relações de amizade, pouco dependem de uma concepção particular dessa relação.

4.7. Conservação das amizades

Ao pensar o Facebook como lócus das interações que possibilitam a amizade, precisa-se questionar se os contatos conduzidos através dele são suficientes para que ocorra a manutenção dos relacionamentos, independente do contexto de surgimento e da frequência dos encontros fora do ambiente da informática.

Os entrevistados B, F, e G acreditam que o Facebook não altera em nada a forma como lidam e pensam sobre suas amizades, sendo que os dois últimos não possuem amizades significativas presentes apenas na rede. Estes entrevistados acreditam que de forma geral sua interação tem a mesma qualidade dentro e fora da rede, não havendo nenhuma dependência desta ferramenta para a conservação de suas relações.

Já os entrevistados A, C, D e E acreditam que o ambiente propiciado pelo Facebook influencia seus relacionamentos, modificando a forma de comportar-se em relação às suas amizades. O entrevistado A percebe na rede um potencial de aproximação dos amigos de convivência diária, mas também tem receio do tempo utilizado em frente ao computador:

“Essa comunicação pelo Facebook pode estreitar alguns laços de amizade, uma complementação do que acontece aqui, até pela dinâmica da faculdade, que tem as aulas e não tem tempo pra conversar, mas não sei se ela é tão útil pra outros tipos, como a família, acabo não ficando muito tempo com meus pais.”.

A percepção do entrevistado A assemelha-se à visão de Kumar (1997), segundo a qual a “sociedade centrada no lar”, enquanto espaço social de trabalho, comunicação e lazer cresce e tende a consolidar-se, acaba por reforçar comportamentos individualistas, afastando o usuário das ferramentas comunicacionais das relações tangíveis com a família.

Segundo os entrevistados C e D, a influência da rede sobre suas relações de amizade e de intimidade é negativa. O espaço disponibilizado no Facebook para a interação é, muitas vezes, fruto de decepções e conflitos criados pela liberdade oferecida

para a expressão, confrontando opiniões e criando desconforto entre pessoas que de outra forma conviveriam sem maiores problemas.

“Já acabei várias amizades por causa do Facebook, a pessoa não gosta, não sabia de certo lado seu, eu já senti certas vezes, eu publico alguma coisa e depois a pessoa não quer falar nem querem olhar pra sua cara [...] Ai a gente vê que tem um peso fantástico, um peso real, mesmo uma coisa virtual, por trás dessas redes virtuais há pessoas reais, é aquela coisa de definição de situação, se os atores definem uma coisa como real, ela é real até suas últimas consequências.”

Estes entrevistados reforçam o ponto de vista de Pontes & Cardoso (2004), que sugerem a inexistência de uma separação entre virtual e real, sendo esta separação altamente relativa e conjuntural, configurando-se a rede como um espaço onde as consequências das ações são bem concretas em seus efeitos.

Conforme a maioria dos estudantes entrevistados indica o principal fator para a manutenção de uma relação de amizade por um longo prazo reside na construção de uma base de confiança. Entre as diferentes razões da escolha da confiança como fator determinante para conservar uma amizade, estão a possibilidade que a existência desta resultaria em uma tolerância perante os erros cometidos por ambos, o apoio nos tempos de dificuldade, e uma interação sincera e verdadeira.

4.8. Amizade sem rede

Considerando-se a possibilidade do papel exercido pela rede social Facebook ser irrelevante para a formação e conservação de amizades, levantou-se junto aos estudantes entrevistados as prováveis consequências de um eventual cancelamento de sua conta no Facebook ou mesmo da remoção de seus amigos das listas de contato da rede.

Sabe-se que o ato de remover uma amizade não implica em uma notificação da pessoa que foi removida. Deste modo é possível remover facilmente contatos com os quais não se deseja mais uma relação de amizade ou o acesso a seu perfil. No entanto, um usuário que acessar o perfil de alguém que o removeu de suas amizades, poderá facilmente perceber que foi excluído, assim como a ausência de notificações pode denunciar através do silêncio uma exclusão.

Em face dessas condições, os estudantes entrevistados adotam posições diferenciadas. O entrevistado E afirma que existe uma coerção relacionando a vida real ao perfil do Facebook. Uma pessoa com quem é mantida uma convivência de forma diária torna-se impossível de ser excluída sem que ocorra algum tipo de mal estar, apontando para uma conduta socialmente esperada até mesmo para as exclusões.

“[...] todo mundo que acessa o Facebook, tem certo código de ética já, se é um amigo próximo e você deleta algum motivo tem. Inclusive pessoas da faculdade que eu não queria que tivesse no Facebook, eu não deletei por que estão em minha turma.”

O entrevistado F percebe esta questão de modo semelhante, entendendo a exclusão como um motivador de conflitos. Remover um amigo da rede seria uma atitude rude que denotaria falta de educação: “Com certeza, briga, reclamar pro que tirou, acaba que tem influência, falam que é um mundo virtual, mas que vem muito para o plano da realidade, influencia muito”. Todavia, o entrevistado D excluiu um contato que estava em seu círculo de amizades e em sua vizinhança sem ocorrências de atritos ou ressentimentos: “Eu tenho uma vizinha que ela é ótima, adoro ela pessoalmente, que converso com ela e tal, mas no Facebook ela é insuportável, então eu excluí ela, mas isso não quer dizer que fora do Facebook eu deixe de falar com ela.”

No entanto, o entrevistado G observa a situação de outra forma, acreditando que as suas amizades verdadeiras não reagiriam mal a sua exclusão, e sim o procurariam para saber se estaria ocorrendo algo de errado, ou algum desentendimento: “Acho que meus amigos próximos notariam se eu desfizesse a amizade, interagimos quase todo dia, acho que eles não ficariam zangados, iriam buscar saber o motivo, se houvesse um desentendimento, mas não acho que seria punido”.

Por outro lado, a maioria dos entrevistados considerou a possibilidade de deixar a rede social Facebook ao menos uma vez. Os fatores motivadores para esta ação seriam o consumo de tempo demandando na utilização da rede, a invasão da privacidade ou a sensação de irrelevância da ferramenta. No entanto, nenhum dos entrevistados realmente desativou seu perfil e deixou de utilizar a rede devido à sua utilidade como ferramenta de comunicação.

O entrevistado G acredita que existiria alguma pressão para que ele voltasse a utilizar a rede uma vez que a deixasse: “[...] hoje querendo ou não o Facebook se tornou

um centralizador das atividades de amizade, então poderia ser constrangido. Você não tem Facebook? Queria te mandar algo no Facebook! [...]”. O entrevistado F aponta que a rede acabou por monopolizar a comunicação com alguns de seus amigos: “[...] é um meio de comunicação que eu tenho com outras pessoas, e eu acabo resolvendo umas coisas pelo Facebook, as vezes só consigo me comunicar com algumas pessoas por ali. [...]”.

As redes sociais podem até desaparecer futuramente, devido ao surgimento de outros serviços que as superem ou talvez falirem após a passagem do modismo de uma época que hipervalorizou a informação de marketing que as mantém funcionando. No entanto, atualmente fazem parte da realidade de ao menos um sexto da população do planeta, expandindo-se em ritmo crescente e modificando as formas de relacionamento entre os seus usuários.

5. Considerações finais

O mundo está em acelerada transformação alimentada por uma revolução comunicacional que possui o potencial de modificar as formas como os seus habitantes vivem seus relacionamentos. Ainda que considerado o significativo contingente populacional excluído do processo de digitalização da vida, as formas de comunicação tornam-se progressivamente mais acessíveis. O surgimento e a popularização das redes da quarta geração prometem tornar o acesso à Internet um serviço mais abrangente, removendo os limites atuais para as comunicações por voz ou texto.

Os sociólogos não devem se limitar a analisar as transformações da sociedade através de uma lente apenas negativa, reduzindo a diversidade de pontos de vista, reações e valores a uma visão maniqueísta ou pessimista do mundo. A complexidade crescente das organizações humanas se coloca como um desafio para todos aqueles que se proponham a analisar o presente de forma crítica, convidando à possibilidade de questionamento dos valores próprios do pesquisador.

No presente trabalho foi mostrado como os espaços virtuais de sociabilidade apresentam-se de forma destacada entre os meios pelos quais se formam e se mantêm as relações de amizade, possuindo um papel ativo na vida dos entrevistados. O acesso às redes é diário e recorrente, sendo parte da rotina dos participantes, configurando-se como uma atividade complementar às comunicações estabelecidas no plano das experiências físicas. No entanto, os seus usuários imprimem em sua utilização seus próprios conceitos e assim orientam a experiência de estar na rede de forma única.

Diante das informações obtidas nas entrevistas, não existem separações claras entre as atividades desempenhadas dentro e fora da rede social, ocorrendo inúmeros pontos de contato onde se estabelecem continuidades entre a vida física dos indivíduos e as suas atividades online. As realidades se encontram por meio de conversas, debates, encontros, reuniões, jogos e campanhas que não necessariamente ocorreriam se este ambiente não existisse.

A rede social apresenta-se através de um caráter claramente associativo, produzindo mudanças tangíveis na vida de seus usuários através da formação de relacionamentos que não existiriam de outra forma, bem como do fortalecimento de

outros já existentes. Por outro lado, a rede por seu caráter interativo também se torna o lócus de conflitos de crenças e opiniões, gerando mal estar entre seus usuários.

A capacidade agregadora da rede exercida mediante suas ferramentas de divulgação de eventos, formação de grupos de discussão, representação de movimentos sociais e luta por direitos também é um fator de maior interação social. As consequências da utilização desta plataforma já são visíveis em movimentos como o “Occupy Wall Street” e outros tantos protestos organizados através da rede, mas suas verdadeiras implicações ainda necessitam de maior investigação (HARVEY et al., 2021).

No entanto, as potencialidades da ferramenta também podem ser utilizadas de forma destrutiva, não só produzindo conflitos entre seus usuários como também organizando demonstrações de ódio, racismo, homofobia e bullying. As mesmas fronteiras expandidas da comunicação se aplicam nesta vertente, potencializando a capacidade desagregadora dos conflitos.

O Facebook como espaço social também é apropriado como mídia, através de páginas de diversos jornais e noticiários, mas de forma mais relevante, mediante o compartilhamento de acontecimentos importantes por meio de seus usuários. As informações espalhadas e divulgadas a velocidades impressionantes possibilitam uma forma diferenciada de mídia socializada. No entanto, é frequente o ruído comunicacional com base em notícias falsas, campanhas fúteis e correntes supersticiosas.

Foi possível perceber através das entrevistas realizadas para a elaboração do presente estudo que as rotinas aceleradas dos ambientes urbanos colaboram para a valorização das redes sociais como um espaço onde é possível interagir sem que haja um comprometimento total do tempo disponível para outras atividades, devido ao seu caráter fugaz e simultaneamente intermitente. Por outro lado, o espaço doméstico, ainda lócus privilegiado do acesso à Internet, se apresenta como espaço de repouso onde é possível retomar as comunicações diárias e resgatar contatos esquecidos.

As noções adotadas para definição do que é amizade entre os estudantes entrevistados estão intimamente ligadas à sua identidade, valores e comportamento. Entre os critérios mencionados para determinar as qualidades esperadas de um

relacionamento de amizade, prevaleceram os da confiança, do compartilhamento, da intimidade e da espontaneidade. É interessante observar que nenhum destes critérios incluiu a presença física, sendo utilizados no ambiente virtual sem qualquer desqualificação dos relacionamentos compreendidos como amizade. Por outro lado, o tempo de convivência e a possibilidade de contar com o apoio de pessoas mais próximas em períodos de dificuldade, também foram considerados fatores importantes na construção das relações de amizade, embora configurando características menos compatíveis com uma relação virtual, mas não totalmente avessas a ela.

Foi possível perceber que os usuários não realizam um julgamento de valor baseado em uma dicotomia entre as relações da realidade e as relações virtuais, verificando-se um grande número de exemplos de amizades construídas exclusivamente através da rede. A manutenção de relacionamentos separados geograficamente também apareceu de forma frequente, tanto no microcosmo da cidade de origem e das amizades de infância dos usuários, quanto no macrocosmo dos distanciamentos entre diferentes cidades, estados ou países. Desta forma, a separação entre amigos reais e virtuais é inexistente no caso estudado. A pretensa virtualidade das amizades parece ser contingencial, possuindo a potencialidade materializar-se através de um encontro, que, mesmo não previsto, é considerado uma possibilidade real.

A busca pelo compartilhamento de interesses parece ser um dos motivadores iniciais mais fortes para a aproximação entre estranhos em um espaço virtual, seguido pela possibilidade de intimidade a partir da interação qualificada, onde se desenvolve um laço de confiança capaz de possibilitar maior abertura entre as partes até que se consolide uma relação de amizade.

A rede configura-se como outro espaço de sociabilização, sendo muitas vezes complementar aos espaços físicos frequentados, mas de forma geral, dotado de sua própria lógica, ética, padrões de comportamento e de interação. Destaca-se de forma notável a qualidade de interação contínua, proporcionada por este meio de comunicação, onde a temporalidade dos contatos é diluída e transformada em um devir, onde a presença do outro é duradoura e frequente.

A transposição da amizade para a virtualidade pode ser pensada como uma entidade espectral, que está presente, mas não necessariamente se materializa

concretamente em uma interação fisicamente completa. Desse modo, pode ser considerado como uma nova forma de presença, que está pronta a responder aos seus chamados rapidamente, mas que não se manifesta como uma materialidade do estar junto.

O caráter dessas novas formas de interação entre indivíduos e grupos ainda necessita de investigações aprofundadas, pois devido ao seu caráter recente e ao desenvolvimento aparentemente exponencial das tecnologias de suporte à comunicação, suas potencialidades e consequências estão sendo continuamente formadas e modificadas. Possivelmente à medida que as ferramentas comunicacionais se tornem mais comuns e abrangentes nas sociedades, maiores serão as transformações nas relações sociais e, particularmente, nas concepções de amizade.

6. Notas

- 1- O crescimento do número de computadores com acesso à internet entre 2009 e 2011 foi de 39,8%, representando 9,9 milhões de novos usuários. Dados retirados do site: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/09/pc-com-internet-e-bem-duravel-que-mais-cresceu-nos-lares-diz-ibge.html>> Acesso em 21/09/2012 às 11:31.
- 2- Dados do Instituto Marplan Brasil do primeiro trimestre de 2012 mostram que 98% da população acima de 10 anos assiste à TV pelo menos uma vez por semana. Segundo projeção do Grupo de Mídia para 2012, mais 92% dos domicílios do Brasil, possuem um ou mais televisores. Dados retirados do site: <http://www.portalbrasil.net/brasil_economia.htm> Acesso em 26/06/2012 às 12:08.
- 3- Assistir televisão continua sendo a atividade preferida e foi escolhida por 85% dos entrevistados. Dados retirados do site: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-03-28/ver-tv-e-atividade-preferida-pelo-brasileiro-no-tempo-livre-leitura-fica-em-setimo>> Acesso em 26/06/2012 às 12:08.
- 4- Um mainframe é um computador de grande porte, dedicado normalmente ao processamento de um volume grande de informações. Hoje ainda existem mainframes, sendo estes sediados em grandes empresas de serviços online e responsáveis pela “computação em nuvem”.
- 5- A World Wide Web é a estrutura de comunicação na qual está baseada grande parte do volume de dados trocada hoje pela internet, representada pelo famoso “www” que precede o endereço a ser visitado.
- 6- Dados retirados do site apontam para 28,7% da população mundial com acesso a rede, tendo apresentado de 2000 a 2010 um crescimento de 444.8 % no número de usuários <http://pt.wikipedia.org/wiki/Uso_da_Internet_no_mundo> Acesso em 27/08/2012 às 10:38.
- 7- Os Notebooks são computadores pessoais portáteis, que podem ser usados com bateria ou na tomada, desenvolvidos para fácil transporte e conveniência do usuário, pesando na média 3,5kg e normalmente possuindo capacidades um pouco menores em relação a um computador pessoal de mesmo preço.
- 8- Os Netbooks são versões diminutas dos Notebooks, conservando a maior parte de suas funções, mas sacrificando algumas outras em prol da redução do peso e espaço. Em geral não possuem adaptação para mídias em disco e possuem menor potência.
- 9- Os Tablets são dispositivos pessoais em formato de prancheta que podem ser usados para acesso à Internet, organização pessoal, visualização de fotos, vídeos, leitura de livros, jornais e revistas e para entretenimento com jogos. Apresenta uma tela sensível ao toque que é o dispositivo de entrada principal.
- 10- O Smartphone é um telefone com funcionalidades avançadas que podem ser estendidas por meio de programas executados por seu sistema operacional. Os sistemas operacionais dos smartphones permitem que desenvolvedores criem milhares de programas adicionais, com diversas utilidades. Apresenta a capacidade de conexão com redes de dados para acesso à internet, sincronização dos dados do organizador com um computador pessoal, e uma agenda de contatos que pode utilizar toda a memória disponível do celular.
- 11- As operadoras de telefonia brasileira cobram as tarifas mais caras do planeta, oferecendo serviços de péssima qualidade. Dados retirados do site:

- <<http://www.hojetelecom.com.br/blogue/index.php/2011/12/monopolio-de-operadoras-no-brasil-assaltam-os-bolsos-dos-cidadaos-com-servicos-precarios/>> Acesso em 27/08/2012 às 10:59.
- 12- Dados baseados no índice Gini, retirados do site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_pa%C3%ADses_por_igualdade_de_riqueza#cite_note-3> Acesso em 27/08/2012 às 11:15.
- 13- “Insofar as British studies are concerned, the use of “networks”, as an analytical rather than a metaphorical concept, dates only from 1954. Retirado de MITCHELL, J. Clyde. **Social Networks in Urban Situations**. P. 1.
- 14- No Brasil, a inclusão digital de 40 milhões de pessoas da classe C, entre 2003 e 2011, impulsionou o setor de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC). Com a compra de mais computadores e smartphones, o acesso doméstico à internet cresceu. Em 2007, 49% das conexões aconteciam em lan houses e 40% nos domicílios. Em 2011, as casas se consolidaram como principal local de acesso, com participação de 67%. Dados retirados do site: <http://www.avellareduarte.com.br/projeto/conceituacao/conceituacao1/conceituacao14_internetBrasil2012.htm> Acesso em 22/02/2013 às 22:37.
- 15- Dados referentes a Junho de 2012, obtidos através do site da Companhia: <<http://newsroom.fb.com/content/default.aspx?NewsAreaId=22>> Acesso em 27/08/2012 às 10:20.
- 16- Usuários que acessam o site ao menos uma vez a cada semana: <<http://newsroom.fb.com/content/default.aspx?NewsAreaId=22>> Acesso em 27/08/2012 às 10:20.
- 17- Dados retirados do site <http://en.wikipedia.org/wiki/Countries_by_population> Acesso em 06/10/2011 às 13:28.
- 18- Cerca de 83 milhões de contas são irrelevantes, 8,7% dos usuários ativos. Cerca de metade são perfis repetidos de um mesmo usuário ou contas falsas ou fantasiosas. <<http://mashable.com/2012/08/02/fake-facebook-accounts/>> acesso em 04/10/2012 às 10:54.
- 19- Estudante processa o Facebook por armazenar todas suas informações mesmo contra sua vontade expressa. <<http://br.omg.yahoo.com/blogs/podeisso/estudante-processa-facebook-por-armazenar-toda-sua-vida-133935762.html>> acesso em 30/11/2011 às 11:00.
- 20- Matéria do Jornal Estado de São Paulo discute a relação entre serviço e mercadoria, citando a polêmica envolvendo o Facebook. "Facebook e você. Se você não está pagando para usar, você não é o cliente. Você é o produto". <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,caro-leitor-voce-e-cliente-ou-produto-,805226,0.htm>> Acesso em 23/02/2013 às 13:24.
- 21- Notícias de consequências graves advindas do uso do Facebook:
- Professora do Maranhão é afastada após postar em seu Facebook foto da escola alagada durante época de chuvas. <<http://noticias.terra.com.br/educacao/noticias/0,,O16259857-E18266,00-MA+professora+diz+ser+demitida+apos+divulgar+fotos+de+escola+alagada.html>> acesso em 02/03/2013 às 18:00.

- Estudante que fundou a página diário de classe, que denuncia as condições precárias de sua escola é ameaçada de morte. <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/02/criadora-do-diario-de-classe-recebe-ameaca-de-morte-pelo-facebook.html>> acesso em 02/03/2013 às 18:20.
 - Comentários preconceituosos contra nordestinos geram processos e queixas na polícia. <<http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-1/artigo/preconceito-internauta-paulista-ofende-baianos-no-facebook/>> acesso em 02/03/2013 às 18:22.
- 22- Desenhos que expressam informação de forma paralinguística, expressando através de ícones estados emocionais do comunicador como feliz, triste, chorando, confuso, surpreso e outras tantas situações. Podem ser desenhos elaborados ou simples utilização dos sinais textuais para apropriação da forma construída como “ =) ” para expressar um sorriso.
- 23- A popularização de câmeras de fotografia digital, em especial as de alta resolução embutidas em aparelhos de *smartphone*, somada ao surgimento de aplicativos que oferecem o serviço de aplicação de efeitos nas imagens e publicação das mesmas em redes sociais afetou significativamente a utilização da rede, inserindo um elo entre dois recursos de tipos diferenciados de interação.

7. Referências

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2001, p. 562.
- AGÊNCIA BRASIL. **Ver TV é atividade preferida pelo brasileiro no tempo livre, leitura fica em sétimo**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-03-28/ver-tv-e-atividade-preferida-pelo-brasileiro-no-tempo-livre-leitura-fica-em-setimo>> Acesso em 26/06/2012 às 12:08.
- AVELAR E DUARTE. **Internet no Brasil em 2012**. Disponível em: <http://www.avellareduarte.com.br/projeto/conceituacao/conceituacao1/conceituacao14_internetBrasil2012.htm> Acesso em 22/02/2013 às 22:37.
- BAHIA, Correio da. **Preconceito**: internauta paulista ofende baianos no Facebook. Disponível em: <<http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-1/artigo/preconceito-internauta-paulista-ofende-baianos-no-facebook/>> acesso em 02/03/2013 às 18:22.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As consequências humanas**. Tradução de Marcus Penchel – Rio de Janeiro: Zahar, 1999. Título original: Globalization: the Human Consequences.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 258 p. Título original: Liquid Modernity.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. RJ: Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 254 p. Título original: Liquid Fear.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. **A estrutura simbólica da vida líquida em Zygmunt Bauman**. Argumentos, ano 2, n 4. UFRJ, 2010.
- BUCCI, Eugênio. **Caro leitor, você é cliente ou produto?** Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,caro-leitor-voce-e--cliente-ou-produto-,805226,0.htm>> Acesso em 23/02/2013 às 13:24.
- DÍAZ BORDENAVE, Juan E. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos, nº67).
- FACEBOOK. **Key Facts**. Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/content/default.aspx?NewsAreaId=22>> Acesso em 27/08/2012 às 10:20.
- G1. **Criadora do 'Diário de Classe' recebe ameaça de morte pelo Facebook**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/02/criadora-do->

[diario-de-classe-recebe-ameaca-de-morte-pelo-facebook.html](#)> acesso em 02/03/2013 às 18:20.

G1. **Pc com internet é bem durável que mais cresceu nos lares, diz IBGE.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/09/pc-com-internet-e-bem-duravel-que-mais-cresceu-nos-lares-diz-ibge.html>> Acesso em 21/09/2012 às 11:31.

GEERTZ, Clifford. **Transição para a Humanidade.** In: O Papel da Cultura nas Ciências Sociais. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980. p. 1-6.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança.** São Paulo: Loyola, 2006. p. 80-81.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações.** São Paulo: Loyola, 2011 p.11-73.

HARVEY, David et al. **Occupy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas.** São Paulo: Carta Maior, 2012.

IONTA, Marilda. **Amizades líquidas: considerações sobre os elos intersubjetivos no weblogs.** Revista de história e estudos culturais vol. 7, ano 7, n 2. UFV, 2010.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **Heterogenia do mundo online: algumas reflexões sobre virtualização, comunicação mediada por computador e ciberespaço.** Horizontes Antropológicos, ano 10, n. 21, p. 97-121, Porto Alegre, 2004.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos da metodologia científica.** Petrópolis: Vozes, 1997.

KUMAR, Krishan. **Da Sociedade Pós-Industrial à Pós- Moderna: Novas teorias sobre o mundo contemporâneo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MASHABLE. **83 Million Facebook Accounts Are Fake.** Disponível em: <<http://mashable.com/2012/08/02/fake-facebook-accounts/>> acesso em 04/10/2012 às 10:54.

MCLUHAM, Herbert Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** Tradução: Décio Pignatari. Editora Cultrix. Título original: Understanding Media 1969.

MITCHELL, J. Clyde. **Social Networks in Urban Situations.** Manchester University Press, 1969.

PONTES, Cristina & CARDOSO, Daniel. **Entre nativos digitais e fossos geracionais.** Questionando acessos, usos e apropriações dos novos media por crianças e jovens. XVI Encontro da Adolescência 2008.

PORTAL BRASIL. **Brasil:** economia e comunicações. Disponível em: <http://www.portalbrasil.net/brasil_economia.htm> Acesso em 26/06/2012 às 12:08.

REZENDE, Cláudia Barcellos. **Mágoas da amizade:** um ensaio em antropologia das emoções. Mana, vol 8. Rio de Janeiro. Oct. 2002.

REZENDE, Claudia Barcellos. 2001. **Entre Mundos:** Sobre Amizade, Igualdade e Diferença. In: G. Velho e K. Kuschner (orgs.), Mediação, Cultura e Política. Rio de Janeiro: Aeroplano. pp. 237-264.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI:** No loop da montanha russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SIBILIA, Paula. **O show do eu:** a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes perigosas nas escolas:** Bullying. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010.

SILVEIRA, Marcelo Deiro Prates da. **Efeitos da globalização e da sociedade em rede via internet na formação das identidades contemporâneas.** Psicologia ciência e profissão, vol 24, n 4, Brasília, 2004.

SOUZA, Luciana Karine de. **In search of true friendship.** Kriterion vol.4. Belo Horizonte, 2008.

SOUZA, Luciana Karine de & HUTZ, Claudio Simon. **Relacionamentos pessoais e sociais:** amizade em adultos. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 2, p. 257-265, abr./jun. 2008.

TELECOM, Blog Hoje. **Monopólio de operadoras no Brasil assaltam os bolsos dos cidadãos com serviços precários.** Disponível em: <<http://www.hojetelecom.com.br/blogue/index.php/2011/12/monopolio-de-operadoras-no-brasil-assaltam-os-bolsos-dos-cidadaos-com-servicos-precarios/>> Acesso em 27/08/2012 às 10:59.

TERRA. **MA:** professora diz ser demitida após divulgar fotos de escola alagada. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/educacao/noticias/0,,O16259857-E18266,00-MA+professora+diz+ser+demitida+apos+divulgar+fotos+de+escola+alagada.html> acesso em 02/03/2013 às 18:00.

WIKIPEDIA. **Anexo: Lista de países por igualdade de riqueza.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_pa%C3%ADses_por_igualdade_de_riqueza#cite_note-3> Acesso em 27/08/2012 às 11:15.

WIKIPEDIA. **List of countries by population.** Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Countries_by_population> Acesso em 06/10/2011 às 13:28.

WIKIPEDIA. **Uso da Internet no mundo.** Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Uso da Internet no mundo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Uso_da_Internet_no_mundo)> Acesso em 27/08/2012 às 10:38.

YAHOOOMG. **Estudante processa Facebook por armazenar toda sua vida na rede.** Disponível em: <<http://br.omg.yahoo.com/blogs/podeisso/estudante-processa-facebook-por-armazenar-toda-sua-vida-133935762.html>> acesso em 30/11/2011 às 11:00.

YIN, R.K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bor Kenam 2001.

ZIZEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa.** Tradução: Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011. Título original: First as tragedy, then as farce.

8. Apêndice

Roteiro de entrevista semi estruturada utilizado para o levantamento de dados.

- Você utiliza a rede social “Facebook” com frequência?
- Quais são os fatores que te motivam a utilizar a rede?
- Suas maiores amizades estão presentes nesta rede?
- Você utiliza as ferramentas de categorização em suas amizades?
- Você já conheceu alguém através da rede e esta pessoa acabou se tornando um amigo?
- Você já removeu um amigo na rede?
- Você procura pessoas conhecidas na rede para adicioná-las?
- Você considera a rede uma fonte de informação confiável para conhecer melhor suas amizades?
- Você utiliza algum filtro para as mensagens de seus amigos?
- Você já teve uma briga por causa da rede social?
- As sugestões de amizade dadas pela rede são válidas para você?
- Você acredita que essa rede social exerce algum papel nas suas amizades?
- A rede propicia encontros e conversas que não ocorreriam de outra forma?
- Você acredita que a exclusão de um amigo da rede acarretaria em alguma consequência relevante?
- O que é uma amizade para você?
- Partindo dessa noção, você possui muitos amigos? O que te leva a considerar uma pessoa amiga ou não amiga?
- Na sua percepção, o que considera fundamental para manter uma amizade durante um longo período?